



**UNIVERSIDADE
EDUARDO MONDLANE**



Faculdades de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim do Curso

RELAÇÕES DE GÉNERO NA ACADEMIA: *Discutindo os estereótipos nas relações de género entre estudantes de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane*

Autor

Elias Mário Castro

Monografia apresentada em cumprimento parcial de obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor:

Dr. Sérgio Manuel Baleira

Maputo, Julho de 2013

RELAÇÕES DE GÉNERO NA ACADEMIA: *Discutindo os estereótipos nas relações de género entre estudantes de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane*

APROVAÇÃO DO JÚRI

Este trabalho foi aprovado no dia 28 de Maio de 2013 por nós, membros de júri examinador da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente do Júri

A Oponente

(Sérgio Manuel Baleira)

(Carlos Manhiça)

(Dinasalda Ceita)

Maputo, Julho de 2013

DECLARAÇÃO

Eu, **Elias Mário Castro**, declaro por minha honra que o presente trabalho de pesquisa para a obtenção de grau de licenciatura em Sociologia cujo tema é “*Relações de Género na Academia: Discutindo os estereótipos nas relações de género entre estudantes de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane*” é fruto de minhas pesquisas e não foi em momento algum publicado por alguém ou por uma outra instituição.

(Elias Mário Castro)

DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia aos meus pais (Mário Castro e Filomena Francisco Castro) que desde a minha infância souberão me dar o incentivo ao meu desenvolvimento intelectual. Sem vocês eu não teria compreendido a importância do SABER. E a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até a esta etapa da minha vida.

E o que dizer a você Piedade?

Obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho!

Dedico a ti este trabalho, no entanto que esta vitória é muito mais sua do que minha!!!

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas contribuíram de diferentes maneiras para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar gostaria de exprimir a minha enorme gratidão à Deus pai todo-poderoso pelo seu comprometimento com a minha vida e saúde. De seguida agradecer ao Estado moçambicano, que através do Orçamento Geral do Estado (OE) financiou os meus estudos de Licenciatura na condição de Estudante bolsheiro. Estou particularmente agradecido ao Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane e a equipa de docentes que incansavelmente ajudaram-me, quer pela diligência com que sempre tomaram conta das minhas preocupações fora e dentro do ambiente académico.

Sinto-me especialmente um grande devedor do Dr Sérgio Baleira, meu supervisor. Ele deu o seu melhor para me ensinar e me orientar para os melhores caminhos académicos. Acredito que a sua influência no meu raciocínio será visível aos olhos de qualquer leitor deste trabalho. Estou também agradecido ao Dr. Baltazar Muianga, Dra Nair Teles que trabalharam juntos na consecução da melhoria da qualidade do meu ensino. Devo mencionar o esforço do dr. Cândido Chume, com quem trabalhei estritamente durante a fase do meu estágio, no Grupo de Pesquisa de Saúde e Sociedade (GPSS), pois não me posso esquecer do seu apoio.

Agradeço aos meus informantes e/ou entrevistados, cuja vontade de cooperar foi decisiva para a minha investigação. De forma particular, estou agradecido à minha família os “Mpepes e Mualinques”, pois o seu encorajamento, apoio moral, emocional e afectivo, constante, ajudou-me a suportar as exigências do meu envolvimento na realização dos meus estudos. Devo expressar também o meu agradecimento a minha irmã-prima Maria Lisete de Souza e o Senhor Luciano Augusto (este que constitui um segundo pai para mim), pelo seu apoio, pois sempre esteve disponível para me ajudar qualquer que fosse a necessidade.

Tenho uma profunda gratidão pela ajuda que recebi dos meus parentes. Os meus pais, Mário Castro e Filomena Francisco Castro, pela compreensão das exigências do meu programa académico. Eles e os meus irmãos (Mana Mónica, Mana Sara, Mano Pedro, Puto Isac, Puto Mualinque, Mana Rie, Puto Dede, Maninha Suni) e meus sobrinhos e sobrinhas (Suzi, Mbega, Kelvin, Milga, Sapango, Levi,

Lay, Ana Maria – a novata) estes que foram os primeiros a sentir os efeitos “colaterais” da minha formação, quero assegurar-lhes que sempre estiveram presentes na minha mente e no meu coração. Aquela que sempre a desejei como esposa, Piedade António Mussiviha (mor....contigo aprendi a vencer os desafios impostos pela vida académica), que teve a delicadeza de me aceitar e compreender durante o tempo em que eu estudava.

Enfim, agradeço a todos os meus colegasda PROSPECTUS Consultoria e Serviços Lda, em nome do Sr. Jorge Gabriel da Silva, Sr. Gonçalo Nhapule, Sr. Eugnélio Buquine e os demais conhecidos na Universidade Eduardo Mondlane, do curso de Sociologia em particular a Costa Ivo César Mateus, Judith Vilares Faz-Tudo, Beatriz Raimundo, Edgar Bernardo, Dinis Pedro Dinis Anapakala, Quirson Ernesto Zefenias, Jorge Paiva, Eduardo Manguze e André Chizianee aos demais companheiros da residência onde eu sempre morei (*R-I vulgo Self já mais te esquecerei*), junto ao Fager Neves Joaquim de Sousa, David Pancrácio, Felizardo Paulo e todos aqueles que directa ou indirectamente tornaram este momento oportuno, do fundo do meu coração, ai vai o meu “*kochukuru*”.

EPÍGRAFE

“As verdades herdadas pagam tão alto imposto que é bom abandoná-las”

Pedro Tamen (1934), poeta português.

RESUMO

Este trabalho teve o propósito de estudar as relações de género entre os estudantes de Sociologia, para compreender como eles percebem os factos de “ser mulher” e de “ser homem”, no espaço académico. Queríamos analisar como eles constroem as suas representações sociais sobre si e sobre o sexo oposto. Participaram da pesquisa 20 estudantes, com a faixa etária de 21 a 39 anos de idade, sendo metade do sexo feminino. A colecta dos dados foi realizada através de contactos com os estudantes no Campus da Universidade Eduardo Mondlane.

Sendo assim, através da realização deste estudo investigamos como se praticam e se percebem às relações de género entre os estudantes de Sociologia na UEM. Para tanto, pesquisas bibliográficas foram realizadas no intuito de melhor compreendermos o objecto de estudo e conhecermos os pontos de vista dos diferentes autores, que tratam do assunto aqui proposto. Para além disso, o trabalho foi acompanhado por uma pesquisa de campo, tendo sido usada como técnica de recolha de informação a entrevista semi-estruturada.

De acordo com os resultados do trabalho foi possível concluir que: (a) A percepção das relações de igualdade de género entre os estudantes é influenciada pelo entendimento dos papéis culturais, pela legitimação do patriarcado e pelo contacto que estes têm com as perspectivas dos movimentos feministas; (b) Existem diferenças na maneira como os estudantes (homens e mulheres) encaram as relações de género no ambiente académico.

Palavras-chave: Género, Feminismo, Patriarcado, Universidade

ABSTRACT

This work aimed to study gender relations among students of sociology, to understand how they perceive the facts of "womanhood" and "be a man" in the academic space. We wanted to examine how they construct their social representations about yourself and the opposite sex. Participants were 20 students in the age group 21-39 years old, half female. The collection of data was done through contacts with the students of the Universidade Eduardo Mondlane.

Therefore, through this study we investigate how to practice and realize gender relations among students of sociology at UEM. Therefore, literature searches were conducted in order to better understand the object of study and know the views of different authors dealing with the subject proposed here. Furthermore, the work was accompanied by a field survey having been used as a technique for collecting information semi-structured interview.

According to the results of the study it was concluded that: (a) the perception of the relations of gender equality among students is influenced by the understanding of cultural roles, the legitimacy of patriarchy and the contact they have with the perspectives of feminist movements (b) There are differences in the way students (men and women) face gender relations in the academic environment.

Keywords: Gender, Feminism, Patriarchy, University

LISTA DE TABELAS

| Nº Tabela | Identificação | Pág. |
|------------------|---|-------------|
| Tabela 1 | Identidade Social dos entrevistados | 52 |
| Tabela 2 | Percepções dos/as estudantes no âmbito académico em relação ao sexo oposto e a si mesmo/ mesmas | 53 |

SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|----------------|--|
| PARPA | Plano de Acção de Redução da Pobreza Absoluta |
| GdM | Governo de Moçambique |
| UEM | Universidade Eduardo Mondlane |
| Op.cit | Obra citada |
| RIPCPM | Relatório do Instituto de Pesquisas e Capacitação para o Progresso da Mulher |
| CeCAGe | Centro de Coordenação dos Assuntos do Género |
| INSTRAW | Instituto de pesquisas e capacitação para o progresso da mulher |

Índice

| | |
|--|-----------|
| DECLARAÇÃO DE HONRA..... | I |
| DEDICATÓRIA..... | II |
| AGRADECIMENTOS..... | III |
| EPÍGRAFE..... | IV |
| RESUMO..... | V |
| ABSTRACT..... | VI |
| LISTA DE TABELAS..... | VII |
| SIGLA DE ABREVIATURAS..... | VIII |
| I. INTRODUÇÃO..... | 14 |
| II. DELIMITAÇÃO DO TEMA | 17 |
| 3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA (REVISÃO DA LITERATURA) | 19 |
| 3.1. Hipóteses..... | 25 |
| 3.1.1. Variáveis | 26 |
| 4. JUSTIFICATIVA | 27 |
| 5. OBJECTIVOS..... | 28 |
| 5.1. Objectivo geral..... | 28 |
| 4.1.1. Objectivos específicos | 28 |
| 7. METODOLOGIA | 37 |
| 9. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 45 |
| 9.1.1. Perfil socio-demográfico dos entrevistados..... | 45 |
| 9.2. RESULTADOS ANALÍTICOS..... | 46 |
| 9.2.1 Perfil dos géneros masculinos e femininos construídos pelos entrevistados..... | 46 |
| 9.2.1.1.- A construção da masculinidade pelos estudantes homens | 47 |
| 9.2.1.2- A construção da feminilidade pelas estudantes mulheres | 48 |
| 9.3. A UNIVERSIDADE E OS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÉNERO | 52 |
| 9.4. ATITUDES E PRÁTICAS DOS ESTUDANTES FACE A EQUIDADE DE GÉNERO | 54 |
| 9.5. APRECIÇÃO GERAL DO PROBLEMA..... | 56 |
| 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES..... | 57 |

| | |
|-------------------------------------|----|
| 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 59 |
| Anexos | 63 |

I. INTRODUÇÃO

A noção da igualdade de género regula a sociedade actual tornando-se a maior exigência moral segundo a qual todas as pessoas devem ser tratadas da mesma forma como cidadãos. Esse princípio traduz-se pela ideia de que a igualdade entre os indivíduos requer que cada um reconheça a igualdade a dignidade do outro e aja em relação ao outro com espírito de igualdade e fraternidade, independentemente das diferenças de sexo, raça, nacionalidade, etnia, religião, etc.

De acordo com essa lógica, as desigualdades de condição social devem ser eliminadas ou corrigidas mediante um tratamento igualitário dos indivíduos. Voltando o olhar para o nosso contexto, o Governo de Moçambique, no quadro dos desafios institucionais, toma a “igualdade de género e o empoderamento da mulher” como um objectivo explícito da sua estratégia de desenvolvimento, argumentando ser um pré-requisito para atingir os objectivos de redução da pobreza estabelecidos na sua Estratégia de Redução da Pobreza Absoluta - PARPA (GdM, 2005). Há uma razão para isto: *OS DADOS QUANTITATIVOS DISPONÍVEIS MOSTRAM CLARAMENTE QUE AS MULHERES EM MOÇAMBIQUE ESTÃO SISTEMATICAMENTE EM DESVANTAGEM EM TERMOS POLÍTICOS, ECONÓMICOS E SÓCIO-CULTURAIS.*

Nesse contexto, compreende-se que as discussões sobre as relações de género aparecem em um contexto caracterizado por um ambiente de sociabilidade que se desenvolve a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais, que culturalmente se criam na sociedade, acompanhados de ideias e valores sobre o que é ser homem ou mulher. Desse modo, as questões de género encontram-se directamente relacionadas com a forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais relacionados ao homem e à mulher. Para além disso, essas concepções estabelecem padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fossem naturais do ser humano.

Louro (1997), afirma que a escola (entenda-se por Universidade) tem um papel fundamental na desmistificação dessas diferenças, pois para além de ser um importante instrumento na construção de valores, identidades e atitudes, ela pode influenciar na construção de um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de género e reduzir as práticas que atentam a manutenção das desigualdades e da produção de preconceitos e discriminação da mulher. Em nosso entender, a

colocação desta autora mostra que esta instituição pode criar interesses e formas de comportamento igualitários podendo ser estimulados no ambiente académico, com vista a se realçar uma sociedade na qual se prioriza o crescimento económico e o desenvolvimento sustentável em todos os sectores sociais.

Nessa perspectiva, pretendíamos com este estudo aprofundar a questão sobre as relações de género na academia, buscando contribuir com reflexões em relação às práticas relativas à construção do género entre os estudantes de Sociologia na UEM. Assim para esta reflexão, socorremo-nos das abordagens de duas perspectivas teóricas: A primeira é referente aos estudos Feministas cuja principal precursora é a autora Jean Scott (1995). A segunda é a Teoria de Dominação Masculina, defendida pelo autor Pierre Bourdieu (2003).

A principal unidade de análise baseada nessas teorias são os significados partilhados pelos actores sociais no que concerne as suas percepções sobre a igualdade do género durante a interacção social na academia que, no nosso entender, é influenciada pelo processo de socialização. Assim, com base nessas teorias queríamos analisar de que forma se constroem as relações de género e como é que estas identidades sociais se vão desenvolvendo ao longo da vida académica. Importa salientar que as perspectivas teóricas aqui apontadas trouxeram a possibilidade de colocarmos em suspensão todos os discursos que se pretendam universais e generalizantes sobre o género.

As perspectivas teóricas aqui adoptadas tornam-se fundamentais para a nossa análise na medida em que por um lado, enfatizam os factores através dos quais os actores sociais representam a sua vida quotidiana em relação ao sexo oposto. Por outro lado, a discussão ocorre geralmente em estudos empíricos onde procuramos explorar a maneira como os estudantes constroem o seu conhecimento sobre o género na vida quotidiana, numa relação tripartida na qual temos “o género, a sexualidade e a subjectividade”.

O problema afigura-se complexo. Com o presente trabalho não temos a pretensão de esgotar o entendimento sobre o assunto e muito menos de equacioná-lo de forma absolutamente completa, mas sim, de dar continuidade à investigação realizada por vários autores sobre o tema, explorando novas perspectivas a partir dos dados a serem aqui obtidos, uma vez que o assunto abre possibilidades de novas leituras, o que nos incita a curiosidade e o desejo de, posteriormente, podermos desenvolver novas reflexões sobre o mesmo.

Com vista a alcançar os objectivos acima propostos foi preciso proceder à revisão da literatura relevante sobre o tema. Utilizamos no estudo aqui proposto, parte do referencial teórico desenvolvido por diferentes autores que trataram do tema. Portanto, a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo, constituíram a base metodológica que nos ajudou a compreender o fenómeno.

No que diz respeito a organização do nosso documento, para além desta introdução, ele apresenta a seguinte estrutura: No capítulo I, temos a delimitação do tema e o delineamento do enfoque do estudo. No capítulo II, apresentamos a revisão da literatura e da discussão de alguns autores que tratam da questão do género, o que de certa forma nos ajudou na formulação do problema de estudo e no levantamento de algumas hipóteses e variáveis. Seguidamente, no capítulo III, apresentamos o quadro teórico e conceptual do estudo e no capítulo IV, os aspectos metodológicos que orientaram a presente pesquisa nas suas diferentes fases. O capítulo V foi reservado a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. E por fim, apresentamos as nossas considerações finais em forma de conclusões, seguidas das referências bibliográficas utilizadas para a realização do estudo. O documento é acompanhado de anexos (guião de entrevista e o modelo de termo de consentimento informado e Lista de entrevistados).

II. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este estudo integra um projecto mais amplo de pesquisa sobre género na academia (entenda-se por Universidade). Assim, o foco do nosso estudo foi buscar compreender de que forma os/as estudantes têm (des)construído as diferenças socialmente construídas no que tange às relações de género e o seu tratamento na academia. Portanto, o trabalho problematiza o *patriarcado* e o *feminismo* enquanto discursos normativos de papéis sociais de género na Universidade, uma vez que tanto os valores patriarcais como feministas, atravessam os tempos e deixam suas marcas na constituição das identidades de género na actualidade. Nessa perspectiva, pretendia-se aprofundar a questão no que diz respeito às práticas educativas e metodológicas referentes às relações de género na UEM¹.

É nosso entendimento que já é amplamente conhecida a existência de diferenças, distinções e diversidades hierarquizadas, ou seja, desigualdades de género na nossa sociedade entre indivíduos ou grupos sociais variados. Assim, no contexto deste estudo, ao se adoptar a categoria género, faz-se referência aos estudantes (tanto homens como mulheres) do curso de Sociologia da UEM, no qual procuramos compreender o conjunto de suas representações de género (des)construídas por cada um deles, através de sua História de vida, que ajudam-lhes a atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.

A escolha desse grupo alvo deveu-se ao facto de acreditarmos que a Universidade é um espaço pautado pelas relações de género e, portanto, pelas desigualdades entre o masculino e o feminino. Desta forma, a consideração da categoria gênero pode potencializar a percepção dessas desigualdades como construções sociais, tanto no espaço académico quanto nas demais instituições sociais. Portanto, o tema foi pensado a partir de pesquisas e estudos sobre as temáticas do género e educação, que de alguma forma estão ligados à trajectória profissional do autor deste estudo durante a sua vida universitária – enquanto estudante.

¹A Universidade Eduardo Mondlane (UEM), é tomada aqui como um espaço no qual os estudante participam se influenciando, ensinando e/ou aprendendo de diferentes formas, a partir da incursão nas experiências e conhecimentos de si mesmo e dos outros, conforme as relações de poder estabelecidas que ajudam e orientam os comportamentos dos estudantes. Portanto, é nosso entendimento que a UEM, para além ser responsável na transmissão de determinados conhecimentos em sentido estrito, tem o seu envolvimento com a produção de identidades sociais, sobretudo, as identidades de género nas relações entre estudantes que vale a pena analisar.

Embora essas desigualdades já tenham sido comprovadas em inúmeros estudos, na área de relações de género, optou-se por fazer um estudo de caso a partir das histórias de vida dos estudantes, que ainda estivessem em exercício na Universidade. Assim, numa abordagem qualitativa, como procedimento central de investigação, foram realizadas observações e entrevistas com os estudantes de ambos sexos, no sentido de entendermos como eles elaboram suas práticas sobre as questões de género na Universidade. A abordagem predominantemente qualitativa deste estudo, deve-se ao facto dela favorecer a interactividade na exploração das experiências e vivências dos estudantes na tentativa de compreensão de alguns aspectos subjectivos de suas atitudes e práticas com vista a equidade nas relações do género.

3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA (REVISÃO DA LITERATURA)

Vários estudos têm analisado o impacto dos movimentos feministas e de mulheres, focalizando a capacidade destes movimentos de articularem as discussões relativas à desigualdade de género que se fundam na dominação masculina, fruto do sistema patriarcal. Certamente, a chave para a compreensão do significado histórico desses movimentos é que eles expressam o nascimento de uma consciência política oriunda de um grupo tradicionalmente excluído da esfera pública e subordinado na esfera privada – a mulher.

No caso concreto de Moçambique, a influência desses movimentos faz com que actualmente as escolas abram as portas às raparigas e quase todas as regiões do país conseguiram promover a educação para o género feminino. Na verdade, estas medidas desenvolvem-se em cumprimento das recomendações do CEDAW (1993), da Plataforma de Acção de Beijing (1995) e da Declaração de Género e Desenvolvimento da SADC (1997), que fazem com que os programas do governo tenham que procurar introduzir a perspectiva de género nos seus planos e políticas de desenvolvimento, procurando eliminar os factores que constroem o acesso e o controle das mulheres aos recursos e aos órgãos de tomada de decisão.

Note-se que outras acções com tendências encorajadoras incluem o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho e o facto de as mulheres estarem hoje sendo preparadas em termos de educação e formação (GdM, 2005). Apesar de as desigualdades persistirem, o país fez avanços significativos nestas últimas décadas, o que é reforçado através de: (i) legislação em matéria de igualdade de tratamento de género (homens e mulheres); (ii) à integração da perspectiva do género (integração da perspectiva do género em todas as políticas). Contudo, o problema que se coloca é o facto de que apesar de esses avanços assinalarem um crescimento na atenção dada ao compromisso das mulheres na luta pelo seu reconhecimento, os estereótipos de género ainda continuam.

É necessários que reconheçamos que tais reivindicações políticas pela emancipação da mulher não conseguiram desmontar por completo as hierarquias que organizam as relações de género na sociedade. Contudo, as disparidades entre os géneros persistem e as mulheres continuam a estar representadas no mercado de trabalho, nos sectores com os salários mais baixos, e sub-representadas em cargos de tomada de decisão, até mesmo na educação e formação. Sendo assim, no presente

espaço iremos trazer um conjunto de literatura que teve enfoques analíticos sobre o tema, a fim de situarmos o ponto central do nosso problema.

Assim, com relação aos trabalhos que se dedicam às questões relacionadas ao género, como construção histórica e social, e sexo como constituição biológica, dialogamos com a obra da autora, Lígia Amâncio (2003), que analisa o tema. No seu estudo intitulado *O Género no discurso das Ciências Sociais*, a autora diz que a emergência deste conceito inscrevia-se num processo de mudança nas ciências sociais que não era alheio ao debate político envolvente. Segundo ela, “ao se considerar o sexo um construto a explicar, em vez de factor explicativo, o conceito de género correspondia, no plano teórico, ao propósito de colocar a questão das diferenças entre sexos na investigação social” (AMÂNCIO, 2003, p. 1).

Portanto, em nossa análise ficou patente que para Amâncio (*op.cit*) uma vez retirada a questão do género do domínio fisiológico e orientando-se as análises para as condições históricas e sociais de (re) produção das crenças e dos saberes sobre os sexos e de legitimação das divisões sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, nas ciências sociais deu-se um contributo importante para a abertura de novos objectos de estudo, sendo que, escrevia-se um processo que, ao mesmo tempo, tornava visível uma relação social marcada pela desigualdade que a investigação, a reflexão teórica e a acção política tinham ignorado ou ocultado (*idem*, 2003).

Uma outra contribuição relevante para os estudos sobre a igualdade de género nos é apresentada por Suárez (1999), sobretudo quando alerta para a possibilidade de accionarmos o conceito para o uso empírico ou analítico. A autora recorre a Shapiro (*apud* Suárez 1999) para mostrar que “o sexo e género são dois termos úteis para fazer o contraste de um conjunto de factos biológicos com um conjunto de factos culturais”. Complementa ainda dizendo que para uma análise ser minuciosa no uso dos termos, é preciso que use o conceito de *sexo* para falar de diferenças biológicas entre homens e mulheres e género quando se fizer referência às estruturas sociais culturais ou psicológicas que se impõem a essas diferenças biológicas.

Numa outra abordagem, a mesma autora nos mostra como a eficácia do conceito de género vem sendo testada no campo da pesquisa, com grande utilidade tanto empírica como analítica. É interessante quando a autora nos alerta para o facto de o conceito ter sido usado primeiro de maneira empírica e, mais tarde de forma analítica. Segundo a autora,

“...a função classificadora do feminino e do masculino já era utilizada quando se imaginava que o matriarcado e o patriarcado eram estágios sucessivos no progresso da humanidade para a civilização. Era como se estivessem classificando tais estágios com base na diferença sexual e, portanto, usando-se essa diferença como uma categoria empírica” (SUÁREZ, 1999, p. 132).

Mas o autor que reflectiu e discutiu a igualdade de género à luz do espaço académico é Carvalho (2003). No seu estudo intitulado *O que essa história tem a ver com as relações do género? Problematizando o género no currículo e na formação do docente*, o autor trata de reflectir sobre a forma como as questões de género são tratadas pelos docentes. Para o autor, as práticas pedagógicas são fundadas numa matriz essencialista marcadas pela autoridade da ciência biológica, então, a constituição dos sujeitos obedecerá a significações monoculturais pautadas no poder de classificar e atribuir diferentes valores que marcam os sujeitos como “privilegiados” e “marginalizados” em muitos aspectos das relações escolares” (CARVALHO, 2003, p. 57).

Para o referido autor, estas manifestações subscrevem-se num espaço no qual se desenham as expectativas que os docentes têm em relação ao comportamento que se espera de uma aluna ou aluno até a maneira como os estudantes, por sua vez orientam estes mesmos comportamentos durante a sua interacção. Continuando na esteira do pensamento de Carvalho (*idem*), tais manifestações vão passando também pelas representações de ser homens e mulheres nos materiais didácticos até as relações de poder dentro da escola. Em sua análise, este autor salienta que, ao se impor e legitimar modelos de comportamentos diferentes para homens e mulheres, a escola pode influenciar nas escolhas profissionais dos mesmos, para além de contribuem significativamente na constituição das identidades dos estudantes.

Assim, conforme assinala a obra de Aquino (1998), intitulada “Diferenças e preconceitos na escola: *alternativas teóricas e práticas*”, a promoção da igualdade de oportunidades e a eliminação de todas as formas de discriminação são alguns dos elementos fundamentais da Declaração dos Direitos e Princípios Fundamentais do Homem. Neste estudo, as pesquisadoras Cláudia Vianna e Sandra Ridenti explanam que durante as relações de género nas escolas, entre estudantes até mesmos com os professores, ainda é comum a utilização indistinta de termos aparentemente neutros, masculinos e femininos, sem nenhum critério definido e a condição feminina ainda é alimentada por fontes de estereótipos.

De referir que para estas autoras, as mulheres são cruciais para todos os aspectos do desenvolvimento social e económico, mas muitas são impedidas de realizar o seu potencial. Contudo, a desigualdade de género encontra-se difundida por todo o mundo e enraizada em diversas culturas. Continuando na linha de pensamento destas autoras, e recorrendo a exemplos ilustrativos sobre a nossa sociedade, podemos afirmar que a diferença entre homens e mulheres muitas vezes é hierarquizada, mantendo situações nas quais as mulheres tendem a ocupar um lugar inferior. Ou então, a diferença é utilizada como expressão de vitimização para favorecer interesses individuais (*ibidem*, 1998).

Os autores por nós aqui apresentados estão preocupados em desvendar a dificuldade de ordem social que deriva do reconhecimento do facto de que todos somos iguais e que as diferenças não podem se fazer sentir pelo sexo como factor biológico. Esses estudos ilustram o quanto a escola possui uma força na produção e reprodução dos discursos, através dos sujeitos autorizados a pronunciá-los, e, como espaço discursivo, influencia na constituição dos sujeitos, mediante a pluralidade de vozes que se enfrentam, quotidianamente, nos dispositivos pedagógicos, tentando conservar, moldar ou alterar significados. Para Louro (2004, p. 124), estas análises procuram ressaltar a importância da educação (incluindo a escolar) na formação da personalidade dos indivíduos, pois é muito provável que eles no futuro sejam o reflexo do que lhes foi ensinado na escola, na família, nos momentos de lazer e na sociedade, dentre outras.

Assim, conforme ilustra Aquino (*op.cit*), o ambiente escolar pode reproduzir imagens negativas e preconceituosas, por exemplo, quando professores relacionam o rendimento de suas ao esforço e ao bom comportamento, ou quando as tratam apenas como esforçadas e quase nunca como potencialmente brilhantes, capazes de ousadia e liderança. “O mesmo pode ocorrer com os alunos quando estes não correspondem a um modelo masculino predeterminado” (*idem*, p. 107). Porém, o autor afirma que quando ignoramos essas diferenças ou atribuímos a elas valores permanentes sem atentar para as possibilidades de ruptura e de construção de novas definições do que é socialmente concebido como masculino e feminino, corremos o risco de reforçar a desigualdade de género.

É sobre esta lógica de relação social que Bourdieu (2003), assinala a revogação da noção de “dois eixos opostos” . Segundo o autor, esta é que é o principal motor das relações dicotómicas e complementares instituídas entre os géneros uma vez que resultam na classificação das coisas do

mundo e de todas as práticas de acordo com diferenciações redutíveis à oposição entre masculino e feminino. No pensamento de Bourdieu (*op.cit*), essa classificação simplificadora da relação entre homens e mulheres é feita em um campo de lutas, na qual implica uma avaliação positiva das práticas associadas ao masculino (força, racionalidade, independência, espaço público) e na desqualificação de actividades e características vinculadas socialmente ao feminino (fragilidade, emotividade, dependência, espaço privado), contribuindo para os processos de exclusão da mulher (BOURDIEU, 2003).

Já baseando-nos nesse pensamento vale enquadrar as reflexões do autor Heilborn (1997, p.298), nas quais afirma que “a concepção de género em um dado contexto social configura uma determinada leitura social das diferenças entre os sexos”. Com base na colocação deste autor, temos a considerar que é importante analisar os contextos envolvidos (sejam eles a família, a escola, a igreja, etc) na construção do género dentro de nossa organização social e cultural para podermos assim, compreender como a categoria de ser mulher ou homem (entenda-se por relações de género) passou a designar directamente, em nossa sociedade, uma relação desigual de poder entre o homem e a mulher.

Por essa via no que concerne a uma realidade particular lançamos o olhar sobre estudos moçambicanos que tratam sobre este fenómeno. Assim, dialogamos com o autor Ribeiro (2003), que começa por salientar que o debate sobre o género em Moçambique começa a ser introduzido a partir dos anos 1980-1990, onde primeiramente percebia-se o género, como um conceito ligado apenas a indivíduos de sexo biologicamente feminino. De acordo com o autor, com o evoluir dos acontecimentos, alguns autores começam a abordar o conceito de género, na perspectiva das relações entre homens e mulheres.

Na mesma perspectiva Osório (2007) afirma que a categoria do género passou a ser considerada como uma mera construção social, resultante da atribuição de papéis sociais diferenciados, isto é, resultante do processo de socialização e não naturalizada. Para esta autora em Moçambique vários foram os movimentos de carácter social que surgiram inspirados nos movimentos feministas dos anos 60, cujo objectivo era de assistir a mulher, dos elevados índices de discriminação contra ela e poder enquadrá-las nos diversos sectores da sociedade.

Portanto, este facto, levou a que vários movimentos sociais pressionassem o Governo moçambicano para que cria-se mecanismos que não só zelassem pelos interesses da mulher, como também, que desenvolvessem acções que permitissem o seu enquadramento na sociedade de forma mais igualitária e a promoção de equidade dos direitos entre homens e mulheres (Ribeiro, 2003; Osório, 2007). De acordo com essa lógica, as desigualdades de condição social existem, devendo ser eliminadas ou corrigidas mediante um tratamento igualitário. Nesse contexto, compreende-se que, as discussões sobre as relações de género aparecem em um contexto caracterizado por um ambiente de sociabilidade que carrega consigo uma difusão sócio-cultural, incluindo as relações de género, que é feito a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais, que culturalmente se criam na sociedade, idéias e valores sobre o que é ser homem ou mulher.

Conforme assinala Louro (1997), é preciso compreender o género como “constituente da identidade dos sujeitos”. Assim, a autora coloca a necessidade de se pensar as relações de género, as desigualdades entre homens e mulheres, de modo plural. Ou melhor, ela afirma que os homens e as mulheres são identificados por género, classe, raça, etnia, idade, nacionalidade, etc. e, dessa forma, assumem “identidades plurais, múltiplas” e produzem diferentes “posições de sujeito”. Outra questão relevante percebida por esta autora é que apesar dos esforços, ainda é possível encontrar situações de preconceito e discriminação nas falas e acções dos indivíduos.

Assim, atendendo que as identidades de género são construídas pelos sujeitos ao se identificarem, social e historicamente, como femininos ou masculinos, é nosso entendimento que as relações de género na academia ainda são desiguais. Partindo do pressuposto de Clifford Gertz (2001) de que a cultura é uma rede de significados tecidos pelo próprio ser humano, então não podemos evidenciar a existência de uma cultura homogénea na concepção da igualdade de género, principalmente, no ambiente académico onde existem pessoas diferentes, vindas de localidades variadas que têm hábitos e costumes diversos.

A partir disso, é possível observar que no espaço social em que vivemos, o ser feminino ou masculino são conceitos construídos historicamente, e envolvem valores, tradições e regras específicas de cada sociedade. Desse modo, cada sociedade possui o seu próprio modelo ideal de homem e mulher. Assim, entende-se que a Universidade é um reflexo de nossa sociedade, que é

fortemente marcada pelo machismo, pelo preconceito sobre as identidades de género, pelo controle de um género sobre o outro e pelos estereótipos sexuais.

Referente a isto Louro (1997) pontua que a escola não é apenas um espaço para a transmissão de conhecimentos possuindo também a responsabilidade de fabricar sujeitos no sentido de colaborar na construção de identidades étnicas, de classe e/ou de género. Presume-se então que a Universidade não somente reproduz modelos sociais, mas também os produz contribuindo para a manutenção da sociedade tal qual a que vivemos hoje. Dessa forma, é relevante saber a maneira como a Universidade e os demais intervenientes lidam com as relações de género. Nesta linha de pensamento tomamos como pergunta de partida a seguinte questão: *Como são construídas as relações sociais de género entre os estudantes de Sociologia na UEM?*

3.1. Hipóteses

O presente estudo tinha procura compreender as especificidades dos grupos sociais, decorrentes de condições históricas e culturais ou das diferenças físicas e socialmente construídas sobre o que é ser homem ou ser mulher ao nível da Universidade, corroborando assim com a concepção de estudiosos sobre o assunto, que defendem a ideia de que, a percepção da igualdade de género no espaço académico se encontra correlacionada à legitimidade do patriarcado, isto é, da dominação masculina e pela implementação dos desafios das feministas (BOURDIEU, 2003, HEILBORN, 1997; LOURO, 1997; SCHIENBINGER, 2001).

Assim, a busca da equidade entre mulheres e homens consiste em assegurar a igualdade de oportunidades e tratamento entre os dois sexos, por um lado, e em lutar contra toda a discriminação fundada no sexo, por outro. Nesse domínio, o estudo optou por uma dupla abordagem da análise do fenómeno (o *patriarcado* e o *feminismo*). Com base nestas perspectivas elaboramos como primeira hipótese a seguinte: *As relações de género são construídas e aceites pelos estudantes enquanto acompanhadas pela legitimidade do patriarcado, o qual garante a posição dominante do homem e a subordinação da mulher.*

Por outro lado, a educação intervém na exploração do corpo e na construção de significados, associando valores às experiências corporais. Com base neste argumento, definimos como segunda

hipótese a seguinte: *A igualdade de género é construída enquanto uma busca de reequilíbrio dos papéis sociais de homens e mulheres que podem estar relacionados com às iniciativas feministas que buscam o empoderamento da mulher por meio do domínio sobre o próprio corpo e da sua inserção no espaço público.*

3.1.1. Variáveis

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objectivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de acção. (BOURDIEU, 2003). Portanto, a cultura, o conhecimento, a educação que os estudantes recebem no âmbito familiar são elementos que acompanham e possibilitam a criação de determinadas expectativas identidades dos estudantes. Com base nestas colocações, o nosso estudo tomamos como:

- Variável dependente, *As (des)igualdade do género;*
- Variável independente: *Opatriarcado e o feminismo.*

De referir que, a definição do sistema patriarcal e o feminismo como variáveis independentes deveu-se ao facto de acreditarmos que estes factores ajudam a ilustrar como nas diversas situações do convívio entre estudantes no espaço académico, estão presentes as construções da identidade do género. Portanto, o patriarcado é tido aqui como responsável pela criação de rótulos, representações conceituais, simbólicas e institucionais, sobre o comportamento específico do homem e da mulher. Por outro lado, os movimentos feministas segundo Louro (1998) tem se preocupado ao longo da história em “disciplinar e normalizar os indivíduos”, sendo, portanto um dos principais meios de regulação e formação de identidades.

É deste ponto de vista, em que as relações de género têm fundamentação em categorizações impregnadas na ordem social, que se permite relacionar não só a posição das mulheres, de maneira subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder. No nosso entender, estes rótulos que, são culturalmente construídos, perpassam pelo imaginário social e popular enquadrando comportamentos e representando situações como se fossem naturais e predeterminadas.

4. JUSTIFICATIVA

Não podemos ignorar que, ainda hoje, as relações entre os géneros permeiam qualquer interacção social e são baseadas em desigualdades. Assim, o presente estudo aborda a emergência e importância do conceito de género, enquanto instrumento teórico que permite uma abordagem empírica e analítica das relações sociais. Ressaltamos que a escolha desse objecto de estudo se deu durante a disciplina Género e Direitos Humanos, ministrada pelo Departamento de Sociologia na UEM. Ao analisarmos várias possibilidades, optamos por falar das relações de género no espaço académico, visto ser esta uma questão actual e importante na discussão sobre as práticas escolares para a construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática.

Pretendíamos desenvolver, de forma breve, a constituição das relações de género, a divisão sexual do trabalho como uma noção que nos permite discutir as bases materiais desta constituição e a relação género e educação. Nesta perspectiva, pretende-se com este estudo, aprofundar a questão, buscando-se contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação livre de atitudes e pensamentos preconceituosos, ao passo que a Universidade é co-responsável pela compreensão das relações de género na sociedade. Portanto, a Universidade é também um ambiente de sociabilidade entre os indivíduos, o que acarreta na difusão sócio-cultural, incluindo as relações de género.

Nesse sentido o estudo mostra-se relevante para a Sociologia pois as relações de género são algo que vai muito além do que juntar homens e mulheres no mesmo espaço académico ou dar os mesmos direitos à educação. Sabemos que inúmeros são os obstáculos que interpõem no caminho rumo à sociedade que almejamos, dentre eles destacam-se: a educação diferenciada que leva as mulheres a aceitarem ocupar posição secundária na sociedade; oportunidades desiguais de participação política em todas as esferas; reprodução de valores masculinos dominantes pela família, pela escola, pela religião, pelos meios de comunicação, pelos livros didáticos e literários, etc.

Portanto, não é uma mudança apenas racional, pois mexe com as emoções, com relações sociais investidas, além de incidir nas estruturas institucionais. Logo devemos estar atentos (as) tanto para as nossas atitudes, quanto para a nossa linguagem, procurando perceber e compreender o *sexismo* que, na maioria das vezes, a linguagem carrega e institui e outros assuntos aqui relatados, serem vencidos com inteligência, na busca de uma sociedade igualitária.

5. OBJECTIVOS

A compreensão do conceito de género possibilita identificar os valores atribuídos a homens e mulheres, bem como as regras de comportamento decorrentes desses valores. É importante enfatizar as relações de género não sendo tratadas neste estudo como fenómeno puramente biológico, podemos constatar que ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo da história e em diferentes regiões e culturas. E, para alcançarmos e respondermos nosso problema elencamos os seguintes objectivos:

5.1. Objectivo geral

Compreender como são percebidas e construídas as relações sociais baseadas na igualdade de género entre os estudantes de Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

4.1.1. Objectivos específicos

- Reflectir sobre as concepções e os preconceitos que os estudantes desenvolvem sobre si e sobre os outros, do sexo oposto;
- Investigar como o patriarcado e o feminismo actuam no ambiente académico;
- Relacionar as percepções e as práticas que os estudantes adoptam no relacionamento com o sexo oposto tendo em conta as influências do feminismo e do patriarcado.
- Discutir questões relacionadas à discriminação e preconceito, igualdade de género e padrões de comportamento na academia.

6. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Segundo Crespi (1997), seja qual for a natureza de um trabalho científico, ele precisa preencher algumas características para ser considerado como tal. O autor refere-se a uma Teoria de Base que orienta qualquer estudo. Portanto, as teorias, antes que verdades absolutas, são apenas diferentes maneiras de construir e organizar o conhecimento e referendar uma praxis legitimada por determinada comunidade científica em determinado contexto histórico.

Assim, com vista a melhorarmos a nossa compreensão em relação ao nosso objecto em análise, recorreremos a dois quadros teóricos. O primeiro é a Teoria de Dominação Masculina do autor Pierre Bourdieu (2003), fundamentada no conceito de relações de dominação, e o segundo é referente a Teoria Feminista da autora Joan Scott (1995) fundamentada no conceito de igualdade de género. Escolhemos essas perspectivas teóricas, pelo facto de acreditarmos que elas melhor explicam o processo de construção social do género.

Começaremos por afirmar que, ao discutirmos a problemática do género, inevitavelmente vem à tona a questão da dominação masculina. A teoria da “Dominação Masculina”, de Pierre Bourdieu (*idem*, p.137), sugere que “a dominação masculina está suficientemente assegurada de modo que não precisa de justificação”, pois manifesta-se na divisão sexual do trabalho, nos discursos, ditados, provérbios, enigmas, cantos, poemas etc. Para o autor as virtudes, as qualidades, as capacidades e os deveres atribuídos a homens e mulheres “parecem” estar na ordem das coisas, como se diz algumas vezes para falar daquilo que é “normal e natural”.

De salientar que esta teoria trata de mostrar que as distinções sociais não são de carácter biológico mas sim propriamente sociais. Todavia, para Bourdieu (*ibidem*), a dominação masculina é produzida não só no mundo social, mas também está incorporada, no *habitus*, que segundo a perspectiva do autor, funciona como um princípio de visão e de divisão; como um sistema de categorias de percepção; Ou seja, o *habitus* faz com que as pessoas tenham uma forma de apreender o mundo social e suas divisões arbitrárias, começando pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes e inelutáveis.

Importa chamar atenção para o facto que vivemos em uma sociedade que define e impõe de diversas maneiras o que são características de homens e mulheres, tanto no plano sociológico quanto no plano psicológico. Assim, a teoria de Bourdieu mostra que as exigências de desempenho dos papéis

femininos e masculinos impõem certas “performances” ou “comportamentos” para ambos os sexos. Ao longo da vida, homens e mulheres passarão por experiências que definirão o que é ser homem e o que é ser mulher.

Um dos factores que legitima essa sociedade é a linguagem, nela está instituído o sexismo. Dentre todos os espaços em que se pode observar as distinções das desigualdades, a linguagem será sempre o campo mais seguro. Tanto por ela estar sempre nas nossas práticas rotineiras, como por ela sempre não parecer muito “natural”. Logo os padrões de comportamento influenciam os indivíduos nas suas percepções, preferências, atitudes e comportamentos, fazendo-os assim concordar com as expectativas sociais. Com base nesta perspectiva foi necessário analisar as relações entre homens e mulheres no espaço académico considerando ambos como constituintes desse processo, para observarmos e captarmos como cada um deles (tanto os homens quanto as mulheres) constroem, estabelece e mantêm formas de relacionar e de perceber o outro.

Neste contexto, a teoria de dominação masculina encontra o seu espaço neste estudo se tivermos que analisar os processos ideológicos implicados no desempenho social do homem e da mulher, ressaltamos. Segundo esta teoria, através dos significados e experiências partilhadas pelos indivíduos, as questões de género são acompanhadas do entendimento da superioridade masculina e a subordinação feminina. Por outro lado, considerando a necessidade de estabelecimento do princípio da igualdade de género que tem sido tomado como centro de debates no nosso dia-a-dia, fez sentido trazer neste estudo um outro quadro teórico que também pode ajudar na compreensão do fenómeno.

Com vista a aprofundarmos o nosso objecto em análise recorreremos também a teoria feminista, de Joan Scott (1995). Junto dessa teoria procuramos investigar como a cobrança social relativa a masculinidade e a feminilidade, condizem com os padrões socialmente construídos, e como entram em conflito com a actual necessidade de igualdade entre os géneros requerida pelas mudanças nas configurações de relações sociais entre homens e mulheres em função, por exemplo, de demandas económicas e do movimento feminista. Nesta perspectiva a autora Scott (*idem*. p. 71-99) diz que a crítica do feminismo centra-se na igualdade de direitos civis, políticos e educativos entre homens e mulheres.

Para a autora, o feminismo reivindica assim, a necessidade de pessoas diferentes (neste caso mulheres e homens), serem tratadas de forma equivalente (*ibidem*). É nosso entendimento que o feminismo ocupa-se da denuncia dos factos na qual a experiencia masculina é privilegiada em detrimento da negligencia e desvalorização da experiencia feminina, situação que eleva cada vez mais as desigualdades entre homens e mulheres, em outras palavras, a teoria feminista intervém em acções políticas e sociais que orientam a sociedade em direcção a mudanças sociais.

Entendendo género como uma construção social do que significa ser mulher ou ser homem numa determinada sociedade, as correntes feministas afirmam que na sociedade verifica-se a existência de estruturas institucionais e práticas comuns que estabelecem e conservam uma ideologia que defende e procura legitimar posições e acesso diferenciados aos recursos. É o conhecimento desta construção que nos revela a estrutura duma determinada sociedade, assim como o conhecimento dos mecanismos e instituições que mantêm e reforçam a referida construção.

Com base no que foi exposto acima, temos a salientar que as teorias feministas procuram trazer a mulher como sujeito da sua própria história, sendo que a desnaturalização das acções e actividades desempenhadas pelas mulheres, são uma alternativa de operação desses movimentos, algo que contribui de alguma forma na transformação das relações sociais. Como afirma Scott (1995), uma das categorias na qual essa teoria se identifica é a cidadania, o direito das mulheres à fazer parte da história.

Em síntese, estas duas teorias afirmam a importância das dimensões subjectiva, afectiva e cultural na construção do saber e nas acções humanas, e a importância de considerá-las na construção do conhecimento e no fazer científico sobre a categoria do género. No que diz respeito a nossa pesquisa, a utilização das duas teorias residiu numa rejeição ao determinismo biológico do sexo como carácter relacional. E nesses termos as duas teorias dão suporte ao problema levantado pela nossa pesquisa.

6.1. Definição de Conceitos (Quadro conceptual)

No presente espaço temos a salientar que na nossa reflexão utilizaremos um conjunto de conceitos que serviram como base de análise e que ajudam a compreender o foco das constatações que pretendíamos explanar neste estudo. Os conceitos são: *O Patriarcado, Feminismo e Género*. De

referir que vários autores aqui apresentados teorizam a questão da Construção e Interpretação desses conceitos partindo da definição do que cada um deles concebe a cada um desses conceitos.

6.1.1. *Patriarcado*

Antes de avançarmos com a definição deste conceito, importa referir que o patriarcado foi e tem sido um conceito útil na análise das relações de género nos diferentes contextos sociais na medida em que procurou historizar a dominação masculina sobre o feminino, buscando uma origem para a opressão, no tempo e no espaço, a partir da qual se poderia desnaturalizar as desigualdades. Nesta perspectiva, a autora Camargo (1999) coloca o conceito de patriarcado como paradigmático nos estudos sobre mulheres e trabalho. Para esta autora este conceito define-se como um sistema de dominação que é concebido de forma ampla e que incorpora as dimensões da sexualidade, da reprodução e da relação entre homens e mulheres no contexto de um sistema escravista (*idem*).

Já Pateman (1993) tem uma visão bem distinta dessa. Ela afirma que o conceito de patriarcado está muito mais ancorado na tradição das ciências humanas. Portanto, a referida autora argumenta que o patriarcado é um modelo de relação social que concorre para o reforço e o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade e feminilidade dominantes.

Por sua vez Aguiar (1999), acrescenta que o retorno à literatura clássica possibilitou, à luz da literatura feminista, observar a construção do conceito de patriarcado pelo pensamento social e as modificações que nele vem sendo introduzida em suas conotações. Sendo neste estudo o conceito de patriarcado é tomado enquanto sistema social no qual o homem (no papel de marido ou de pai) é o actor dominante da organização social, e exerce a autoridade sobre as mulheres, os filhos e os bens materiais e culturais.

De referir que o termo “patriarcado”, cunhado por Max Weber (*apud* Aguiar, 1999), definia sistemas sociais e familiares baseados no reconhecimento da autoridade pela tradição, não podendo ser aplicado às formações sociais que encontramos na actualidade. Assim, neste trabalho ao trazermos o conceito de patriarcado no pensamento social dos estudantes, era para podermos analisar quais suas conotações e discussões em torno do tema. Portanto, junto deste conceito observamos como o sistema de dominação é concebido de forma ampla e que este incorpora as dimensões da sexualidade, da reprodução e da relação entre homens e mulheres no contexto académico.

6.1.2. *Feminismo*

Segundo Louro (1997) e Scott (1995), o termo feminismo é usado com o propósito de caracterizar as lutas levadas a cabo por várias mulheres visando desafiar ou evitar aquilo que viam como as definições essencialistas da feminilidade feitas pela sociedade, com base nas diferenças entre homens e mulheres, que no entender dessas autoras não são apenas de ordem física e biológica, mas baseadas na diferença sexual anatómica. Portanto, segundo estas autoras estas diferenças não podem ser pensadas de forma isolada das construções sociais e culturais da qual fazem parte.

O feminismo é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes (FRAISSE, 1995; LOURO, 1999). As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Elas demonstraram, ainda, que o poder foi - e ainda é - predominantemente masculino, e seu objectivo original foi a dominação das mulheres, especialmente de seus corpos (PATEMAN, 1993).

Para Scott (op.cit), o feminismo é um conceito que de maneira geral nos ajudam a entender que as relações de género; as prerrogativas estabelecidas entre homens e mulheres que se manifestam nas relações sociais permeadas de preconceitos. Nessa óptica, a autora o feminismo deve ser entendido com um conceito que procura verificar os seguintes aspectos: a) as definições e conceitos de sexo, sexualidade e educação sexual; b) as principais mudanças relacionadas à abordagem da educação sexual no ensino formal brasileiro nas duas últimas décadas, tanto do ponto de vista dos sujeitos locais quanto do poder público; c) as possíveis relações existentes entre as transformações sociais e os discursos e vivências sobre a sexualidade.

Em vista dessas considerações, o referencial conceitual adoptado neste estudo tomamos o feminismo como movimento social que busca analisar a construção social das relações sociais entre homens e mulheres no decorrer das suas interações, a fim de compreender de forma crítica, às formas naturalizadas de constituição dos sujeitos; ampliando a produção de conhecimento sobre práticas de ensino multiculturais baseadas na igualdade de género nas diversas situações sociais. Assim, o conceito de feminismo que enfatizamos neste estudo está ligado directamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado cuja origem é usualmente remetido ao século XIX

Este movimento propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos. Tais pressupostos distanciam o sexo dos sentidos da sexualidade, sendo esta compreendida pelas mediações do ser com o ambiente, do biológico com o sócio-cultural e o religioso, do particular com a totalidade, do momento com o percurso histórico, todos objectiva e subjectivamente constituídos (HEILBORN, 1999).

6.1.3. Género

Antes de avançarmos com a nossa discussão teórica do conceito de género, convém clarificar que este se apresentou como uma importante categoria de análise das relações mantidas entre homens e mulheres nos diferentes espaços sociais (no mercado de trabalho, na escola, etc.). Desta forma, com base no contexto apresentado e na literatura científica, fez-se um recorte de conceitos avançados por alguns autores que trataram de contemplar, desta forma, a categoria género como lente possível para conhecer o objecto, o qual se caracteriza pelas relações de género entre estudantes.

Segundo Casagrande e Carvalho (s/d), o termo género surgiu na academia em substituição ao termo “mulher” num momento em que o movimento feminista buscava desnaturalizar a condição de mulher na sociedade, eem alguns ramos da ciência, onde os estudos sobre as mulheres não eram bem aceites. Para as autoras, o género indica também uma relação de poder entre os sujeitos contraída a partir da interacção entre as pessoas com o contexto em que são inseridos, ou seja, o conceito de género é socialmente e culturalmente construído e assim pode ser modificado.

Para Scott (1995), género é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebida entre os sexos, que fornece um meio de descodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interacção humana. Segundo a autora, ele é uma construção social que numa dada cultura estabelece ou elege uma relação equitativa entre os homens e mulheres. Assim, o conceito de género implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados.

Porém, para compreender como são produzidas, pelas culturas e sociedades, as diferenças nas relações entre homens e mulheres, nos diz Scott (1995), o género pode ser entendido como a organização social da diferença sexual. Eis que a autora conceitua o género mostrando que o corpo

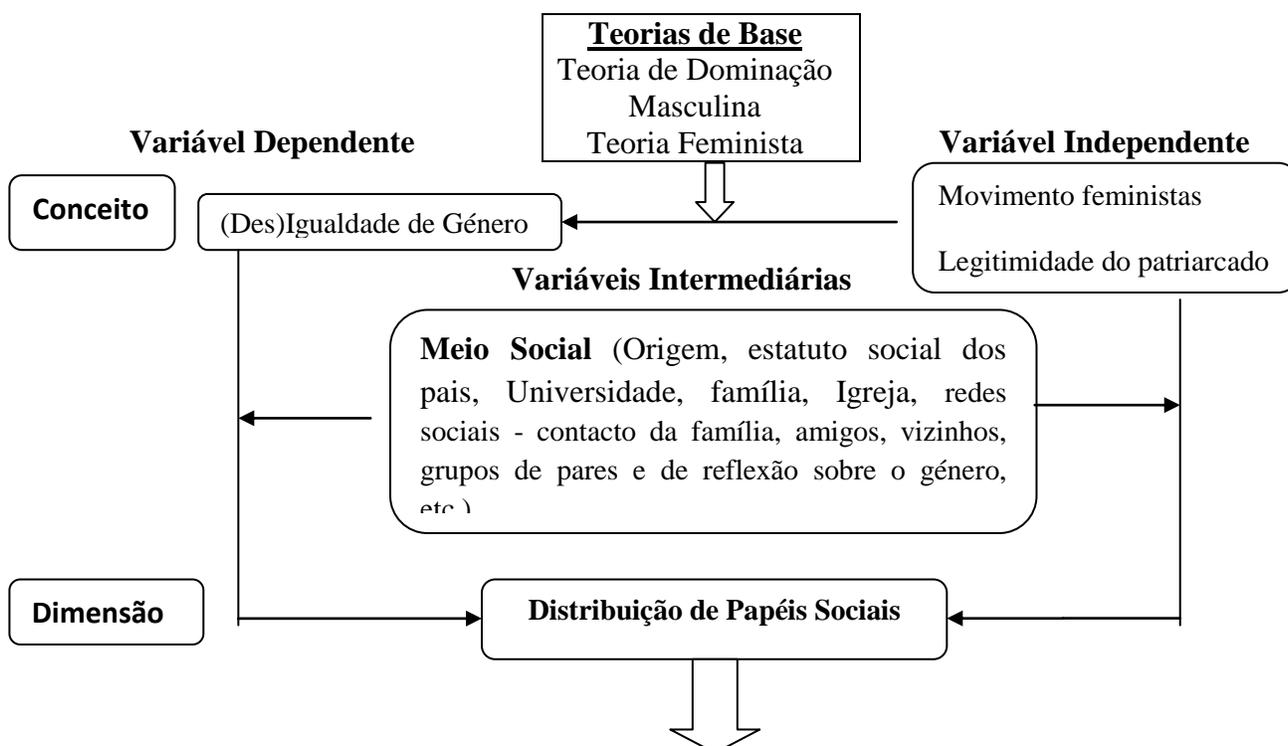
se transforma em motivo de investigação histórica e sociológica e que seu significado pode ser diferente de acordo com cada contexto.

Já Schienbinger define o género como sendo algo que “ é propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia” (Schienbinger, 2001, p.45). A abordagem do autor mostra que as questões de género focalizam as diferenças que são culturalmente construídas entre os sexos, explicitando como se edificam as relações sociais entre homens e mulheres. Para o autor, enquanto o conceito de sexo pode ter muitos significados dentre eles: referem-se a factores biológicos que distingue um “macho” de “fêmea” de um indivíduo” (*idem*, 2001, p.47).

Após discorrermos sobre alguns dos conceitos utilizados para descrever existência de diversos tipos de percepção de relacionamento entre indivíduos de sexos opostos (homens e mulheres) destacamos que o termo género, será empregado em nosso estudo, a princípio, de forma ampla. Para tal, entendemos o conceito de género segundo a perspectiva de Scott (*op.cit*), que o define como o conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos que, no nosso entender perpassam a todas esferas sociais e de diferentes formas chegam a Universidade. Na perspectiva desta autora, o termo género representa um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao ser masculino ou ser feminino, considerando-o como uma construção social. Com base na colocação desta autora, este conceito nos permite reconhecer que as relações entre mulheres e homens podem variar dependendo do contexto.

6.2. Modelo de Análise

Segundo Quivy e Campenhoudt(1998), o modelo de análise é a articulação de conceitos e hipóteses em forma operacional dos marcos e pistas que são retiradas da problemática, e que ajuda a orientar o pesquisador no trabalho de observação e de análise. Assim, no nosso projecto o modelo de análise foi projectado da seguinte forma:



I
n
d
i
c
a
d
o
r
e
s

- Expectativas sociais que determinam os papéis pelos quais mulheres e homens devem cumprir e esperados pela sociedade (imagens sociais da mulher como mãe protectora, mãe de família, etc.);
- Papéis diferenciados nas relações de género (mulher que cuida da casa, das crianças, trabalhos domésticos, e homem que participa na esfera pública, provedor da família);
- Conjunto de práticas culturais, valores e normas que tomam a imagens de género e influenciadas pelos estereótipos e concepções tradicionais como submissão às mulheres e iniciativa aos homens;
- Existência de um número crescente de mulheres em cursos ou áreas de formação na UEM.
- Aumento de instituições de defesa dos direitos da mulher.

7. METODOLOGIA

Nas palavras de Serra (2004, p. 1) “um dos grandes desafios ao se fazer a investigação é, precisamente, o carácter científico que o caracteriza”. Para a autora, mais do que nunca, ao chegar a este nível, o estudante deve encarar o conhecimento, a ciência e a investigação científica com toda a responsabilidade e o rigor que se lhe exige. Acrescenta ainda que, isso deve-se pelo facto de a investigação científica requerer o uso cuidadoso e habilidoso de métodos, técnicas e procedimentos próprios, que não podem ser ignorados. Assim, para a realização da presente estudo, a metodologia foi essencialmente de natureza qualitativa, com a combinação de recolha de informação bibliográfica/documental e a entrevista a principais actores junto aos estudantes de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Contudo, devido a natureza de alguns indicadores de actividade, de processos, de resultados ou impacto, foram indispensáveis análises quantitativos para avaliação dos resultados. De seguida passamos a apresentar cada um desses métodos empregados neste estudo. Primeiro fizemos uma pesquisa bibliográfica, que nos ajudou a realizar análises com base em consultas ao acervo literário sobre o tema em análise. A interpretação da pesquisa bibliográfica incluiu a análise de livros, artigos ou ensaios, manuscritos, anotações e fichamentos que serviram para a elaboração da nossa fundamentação teórica.

Seguidamente, fizemos uma pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (1996), a pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir melhor os objectivos da pesquisa, as hipóteses, o meio de colecta de dados, o tamanho da amostra e o modelo de tabulação e análise dos dados. Assim, o trabalho de campo permitiu aprofundar e ampliar o conhecimento existente sobre as percepções dos estudantes sobre a categoria género e estabelecer relações entre as constatações do campo e as teorias apresentadas na literatura sobre a matéria.

7. 1. Técnicas de Colecta de Dados

Segundo Oliveira (1997), a escolha do método e da técnica a ser utilizada, depende do objectivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipa de trabalho e de outros elementos no

campo da investigação. A metodologia será essencialmente qualitativa, no entanto alguns dados de carácter quantitativo poderão ser úteis para ilustrar as constatações de campo.

Segundo Minayo (2001, p.21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa especialmente, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos a uma simples operacionalização de variáveis. Assim, face a concretização dos objectivos do nosso estudo e com base na metodologia acima avançada na presente pesquisa escolhemos duas técnicas, designadamente as técnicas de *entrevistas semi-estruturada* e *a observação participante*. De seguida passamos a apresentar como foi usada cada uma delas de acordo com os objectivos que se pretendia alcançar.

7.1.1. As entrevistas

Segundo Minayo (idem, p.58), as entrevistas podem ser estruturadas ou não estruturadas, correspondendo ao facto de serem mais ou menos abertas. Assim, na nossa pesquisa foram usados os dois tipos de entrevista sempre que necessário, sendo que foi feita primeiro, por meio de uma conversa inicial onde procuraremos construir um diálogo franco e aberto procurando esclarecer os estudantes sobre a importância e os objectivos da pesquisa e o sigilo dos dados pessoais.

Portanto, como nos referimos anteriormente, realizaremos as entrevistas com base em um roteiro previamente elaborado e semi-estruturado, que combinava questões abertas e fechadas, em que cada entrevistado tinha a liberdade de falar sobre o tema proposto, podendo assim variar conforme as experiências de cada um. Assim tornou-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante abordava livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas com perguntas previamente elaboradas.

No entanto, houve momentos que se articulou essas duas modalidades, caracterizando-se como semi-estruturadas. Todas as respostas foram consideradas elementos importantes. Finalmente, combinamos as técnicas de entrevistas e de observação participante para realização deste trabalho. De referir que a realização das entrevistas ficou condicionada ao uso de gravadores.

É importante salientar que durante 15 dias que estivemos no campo, o acesso aos entrevistados foi feito mediante critérios pré-estabelecidos. Contudo, partindo dos objectivos do nosso trabalho, dividimos a nossa análise em quatro (4) partes que vão de acordo com a estrutura do guião da nossa entrevista. Os tópicos que estruturam as entrevistas foram: (I) os dados sócio-demográficos; (II) a percepção Individual sobre a equidade de Género e (III) as práticas dos estudantes com vista a efectivação da equidade de género e (IV) apreciação geral do problema. De salientar que, em cada subcapítulo as informações foram relacionadas com as teorias e reflexões, bem como os conceitos a ela associadas.

7.1.2. A Observação Participante

Durante nossa pesquisa utilizamos também a técnica da observação participante. A observação participante segundo Viana (2007, p. 26) “(...) dá possibilidade ao observador de integrar na cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos (...)”. Portanto, isso nos possibilita ao pesquisador reflectir sobre os elementos observados e o que compreendemos sobre as questões estudadas – em nosso caso, as relações de género no contexto académico.

Assim com esta técnica procuramos captar uma série de detalhes que não conseguiríamos somente com as entrevistas. Referimo-nos a dados importantes, como as expressões faciais de aprovação ou reprovação diante de alguma frase ou comentário, olhares que falaram mais do que palavras, gestos que parecem expressar sentimentos e pensamentos, etc. Consideramos deste modo, todas as observações importantes pois, através delas, tiramos noções que poderiam não ser reveladas apenas através das entrevistas.

Importa referir que entre os principais factores que explicam a escolha dessas técnicas estão os seguintes: pouca disponibilidade de recursos financeiros e humanos para realizar uma pesquisa com uma amostra grande através de entrevistas (aproximadamente 20 entrevistados divididos em 10 mulheres e 10 homens, como forma de equilibrarmos conforme a proposta do nosso tema). Assim, ao integrarmos os dois tipos de técnicas queríamos trazer as concepções dos sujeitos, suas problemáticas, quais os significados que atribuem as suas experiências e as suas vivências.

7.2. Métodos de abordagem

O nosso estudo baseou-se no uso da abordagem etnometodológica, que constitui um traço fundamental do método sociológico de Harold Garfinkel. O autor cunhou o termo etnometodologia para,

“identificar a abordagem que trata de como os indivíduos se comunicam enquanto interagem, ocupando-se da maneira como os atores descrevem, criticam e idealizam situações específicas e dão sentido ao mundo social. A realidade, assim vista, não é estável mas sim é criada por situações específicas envolvendo comunicação interpessoal. De salientar que a linguagem tem lugar privilegiado na investigação daquilo que é dito e do não dito na comunicação” (Figueiredo, 2004).

Assim, para Figueiredo (idem) o foco de análise dos etnometodólogos é a actividade humana por meio da qual os agentes sociais elaboram linhas de conduta em situações concretas. Com a etnometodologia procuramos captar como é representado as relações de género no “mundo académico” através dos “olhos” dos actores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objectos e às acções que desenvolvem.

Uma vez que esta corrente de pensamento centra o seu foco de análise no sujeito da acção, então procurávamos captar o significado e a percepção dos estudantes sobre o processo de luta pela igualdade do género e seus impactos nas relações de género dentro da Universidade. Em síntese, a *etnometodologia* foi integrada nesta pesquisa pelo seu valor explicativo do mundo da vida quotidiana.

De referir que propomos aqui, um estudo indutivo. Segundo Gil (2002, p.176), este método consiste numa aproximação dos fenómenos partindo geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das contestações mais particulares às leis e teorias gerais (evidencia-se aqui uma conexão ascendente). Pressupõe-se uma abordagem que procura não fazer constatações generalizadas mas sim induzir em função do nosso número de amostra, dado que o nosso objectivo é investigar como é aprendido o discurso de diferenciação, quais as diferenças do feminino e masculino entre os estudantes, as diferenças de género nos espaços lúdicos (brincadeiras), nas expressões verbais e corporais, nas relações de proximidades (grupos).

7.3. Métodos de procedimentos

Como método de procedimento tomamos o método histórico. Segundo Richardson (1999, p. 334), este método consiste em analisar a actual forma de vida social, as instituições e os costumes, recorrendo ao passado como forma de captar as origens dos fenómenos. Assim, o método indutivo torna-se importante aplicar neste estudo pelo facto de pesquisar os fenómenos hoje a partir de suas raízes, para compreender sua natureza e função na actualidade. Nossa preocupação, no uso dela consistiu em trazer a “superfície” os factores sociais e históricos que orientam os estudantes na concepção e construção da categoria género dentro do espaço escolar (entenda-se por Universidade).

De referir que uma compreensão mais ampla de género com base neste método exigiu que reflectíssemos não somente sobre o facto de que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (...), mas também como nos levou a pensar que género é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de género). (LOURO, 1995, p.103).

7.4. População e Amostra

Segundo Trivinos (1987), uma das etapas cruciais no desenho de uma pesquisa de carácter científico é, sem dúvida, a definição da população ou universo e da amostra que pretendemos estudar. Nessa lógica, o autor conceptualiza a população-alvo, como sendo o conjunto de elementos submetidos ao estudo. Para este autor, uma vez determinada as características da população, então, estamos prontos a avançarmos com a nossa pesquisa.

Já para Serra (2004, p.46), por população ou universo entende-se como o conjunto de elementos que possuem determinadas características comuns do que se pretende estudar. Para a autora, normalmente, falamos de população ao referirmo-nos a todos os habitantes de determinado lugar. Em termos estatísticos, população pode ser, por exemplo:

1. Um conjunto de indivíduos que trabalham num mesmo lugar;
2. Os estudantes matriculados numa mesma universidade;
3. Toda a produção de refrigeradores de uma fábrica; dentre outros.

Para aquilo, que constituiu os nossos objectivos e o tipo de pesquisa que pretendíamos realizar definimos que a nossa população-alvo seria todos os estudantes de Sociologia (nesse caso todos os estudantes sejam de sexo masculino ou feminino) da Universidade Eduardo Mondlane, sendo que a característica principal é o facto de terem conhecimentos relativos a temática multidisciplinar que incluam a perspectiva de género nos seus planos curriculares de formação, para além da sua convivência com a dicotomia da socialização familiar e universitária, para além do contacto com os pressupostos da teoria feminista.

Segundo Trivinos (1987), a chave para o sucesso de uma pesquisa depende menos de um grande número de informantes representativos do que da sua competência cultural. Dado que: (1) o número de elementos ou indivíduos (entenda-se por estudantes) é demasiado grande; (2) o estudo da população é muito dispendioso; (3) o tempo poderia actuar como agente de distorção dos resultados (a informação podendo variar, se transcorrer muito tempo entre o primeiro e o último elemento), dentre outros factores, para realização da nossa pesquisa seleccionamos uma amostra constituída por cerca de 20 estudantes (sendo que foram 10 mulheres e 10 homens).

Relativamente ao pequeno número de entrevistados (20) pode ser considerado um potencial factor de risco em termos de representatividade, credibilidade e validade das constatações. Contudo, este risco foi equacionado com o principal objectivo do questionário, que implicava um, exame do conteúdo das respostas dos entrevistados, que muitas das vezes eram abertas. A seguir, passamos a apresentar os critérios usados para a escolha e selecção dessa amostra.

7.4.1.1. Processo de selecção das amostras

Na nossa pesquisa seleccionamos os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências das relações de género dentro e fora da Universidade, para que junto deles nos possam fornecer informações significativas para a pesquisa. É esta a orientação geral que foi seguida nesta pesquisa.

De acordo com a amostra retirada do universo da população estudada, procuramos definir o mecanismo para que cada elemento (amostra) fosse seleccionado e entrevistado. Queríamos junto desta amostra, captar as diferentes modelos de percepção e representações dos estudantes sobre a igualdade do género em ambientes escolares, tendo em conta dois aspectos: a relação, entre a

socialização baseada no patriarcado e universitária (nesta última temos o feminismo como principal expoente), e finalmente procurávamos relacionar as nossas constatações do campo com os modelos teóricos, anteriormente estabelecidos.

Dois grandes objectivos guiaram a selecção dos entrevistados. Por um lado pretendíamos contactar pessoas que conhecíamos razoavelmente bem de modo a, mais tarde, podermos confrontar a sua informação com o próprio conhecimento da sua vida social, o que, eventualmente poderia enriquecer, as nossas constatações, e o segundo objectivo era de captar quais as percepções que os estudantes uma vez terem conhecimentos sobre a necessidade da igualdade de género orientam as suas condutas nas relações com indivíduos de sexo oposto.

7.5. Colecta dos dados

O estudo foi feito com base num conjunto de instrumentos que visavam garantir maior objectividade, precisão e imparcialidade na recolha e tratamento da informação. Esse instrumento foi o guião de entrevistas semi-estruturados. Com auxílio de um gravador as entrevistas foram transcritas. As entrevistas foram conduzidas individualmente nos locais de preferência dos entrevistados. Antes do início das entrevistas, os participantes receberam informações adicionais sobre a pesquisa, tendo sido enfatizado o interesse na opinião do entrevistado e de que não haviam respostas certas ou erradas para as perguntas que seriam apresentadas.

Por sua vez, o Termo de Consentimento Informado (TCI)² foi lido na presença dos entrevistadores sendo quaisquer dúvidas esclarecidas antes da assinatura das duas vias do mesmo (uma cópia desse documento pode ser encontrada no anexo). Com a anuência dos entrevistados, as entrevistas foram registadas com a ajuda de gravadores e todas as constatações foram registadas em blocos de nota. No total, foram realizadas 20 entrevistas, sendo 10 com estudantes homens e com estudantes mulheres.

As informações colectadas na primeira parte das entrevistas foram utilizadas para o desenvolvimento do resumo informativo, já apresentado, contendo alguns aspectos da vida dos estudantes (dados sócio-demográficos, percepções e práticas, por exemplo). As entrevistas realizadas na segunda parte do roteiro foram transcritas integralmente, separadas em dois grupos (grupo de homens e grupo de mulheres) e submetidas separadamente aos procedimentos de análise.

² Veja o modelo dos TCI (Termos de Consentimento Informado) no quadro dos anexos

8. Constrangimentos (Dificuldades encontradas na Pesquisa)

Estudar o género em qualquer de suas expressões é sempre um grande desafio, pois tanto para os homens, como as mulheres na grande maioria têm dificuldades de expressar seus sentimentos e experiências, certas dificuldades e resistências que nem sempre são facilmente superáveis. Por outro lado, alguns entrevistados contactados recusaram-se a receber o grupo de trabalho para entrevista, limitando deste modo o âmbito de análise do presente estudo. Verificou-se um certo receio por parte dos estudantes em cooperar e fornecer informação.

Assim, durante a primeira aproximação (durante a explicação dos objectivos e métodos do estudo) todos pareciam num primeiro momento concordar achar interessante e importante, mas na hora de realizar as entrevistas a maioria dos homens que se haviam disposto a concedê-la parecia estar numa situação extremamente desconfortável, a avaliar não só pela respostas superficiais sem se expandir muito, e pelas “fugas” aos temas e perguntas, com os longos silêncios, com frases pequenas e aparentemente “sem significado” e especialmente com os elementos não-verbais através dos gestos, olhar sempre para baixo, as posturas corporais, as expressões faciais, as variações nas entonações de voz, entre outros, que no nosso entender escondem significados que somente o investigador pode desvendar.

Entre tantas situações observamos que existiram diferentes momentos que identificamos percepções diversificadas tidas por parte dos entrevistados sobre a pesquisa. Cremos que muitos deles interpretaram as entrevistas como uma “oportunidade” como espaço oportuno para “desabafar”. De uma forma geral, o estudo conseguiu atingir os objectivos traçados, pois observamos que as construções de papéis masculinos e femininos na academia surgem aliados aos preconceitos aos que fogem do padrão estabelecido. Portanto, os modelos são resultados de uma coerção social por parte da escola, da família e do meio social em que vivem.

9. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

9.1 Resultados do Trabalho de Campo

No presente espaço iremos apresentar a discussão dos resultados da nossa pesquisa de campo. De salientar que nos baseamos na combinação da revisão da literatura sobre o tema com os dados de campo, de modo a confrontarmos a manifestação do fenómeno em análise com a teoria. A análise assenta essencialmente sobre levantamentos feitos no âmbito da análise de comportamentos, atitudes e práticas dos estudantes no contexto das relações de género no espaço académico.

9.1.1. Perfil socio-demográfico dos entrevistados

Os 20 estudantes entrevistados são maioritariamente oriundos da cidade de Maputo, sendo que 4 frequentam o 3º nível do Curso de Sociologia e os restantes 16 são do 4º ano. A faixa etária dos entrevistados situa-se entre 21 e 39 anos (Veja a Tabela 1).³ entrevistados (2 homens e 1 mulher) não revelaram as suas idades.

O estudo trabalhou com uma amostra de 20 entrevistados (10 mulheres e 10 homens) com idades variando entre 18 e 38 anos. A maior parte dos entrevistados tinham menos de 30 anos de idades (cf. Tabelas 1 , que abaixo se segue).

Tabela 1³. Identidade Social dos entrevistados

| INQ | Idade | Género | Nível de Freq. |
|-----|-------|--------|----------------|
| 1 | 22 | Masc. | 4º |
| 2 | --- | Masc. | 3º |
| 3 | 23 | Femin. | 4º |
| 4 | --- | Femin. | 4º |
| 5 | 42 | Femin. | 4º |
| 6 | 24 | Masc. | 3º |
| 7 | 21 | Masc. | 4º |
| 8 | 22 | Femin. | 4º |
| 9 | 29 | Masc. | 4º |
| 10 | --- | Masc. | 3º |

³Nesta tabela usamos as seguintes abreviaturas:

INQ – Número pelo qual o/a inquirida é identificado/a

NASC – Local de Nascimento

NF – Nível de académico ou de frequência.

| | | | |
|----|----|---------|----|
| 11 | 23 | Masc. | 4º |
| 12 | 21 | Femin. | 4º |
| 13 | 23 | Femin. | 4º |
| 14 | 21 | Masc | 4º |
| 15 | 39 | Masc. | 3º |
| 16 | 24 | Femin. | 4º |
| 17 | 25 | Masc | 4º |
| 18 | 25 | Fem. | 4º |
| 19 | 23 | Femin. | 4º |
| 20 | 24 | Femin.. | 3º |

9.2. RESULTADOS ANALÍTICOS

9.2.1 Perfil dos géneros masculinos e femininos construídos pelos entrevistados

Este item foi incluído como forma de fortalecer as análises realizada nesta pesquisa. Para tal, pautamos numa categorização dos resultados que nos facilitasse a sua leitura. Portanto, as categorias que se constituíram em dois grupos divididos por quatro narrativas. Com base nos resultados estas foram agrupadas entre as percepções das pessoas entrevistadas e entrelaçando-se com o referencial teórico, que serviu de base para a discussão, como veremos a na tabela abaixo:

Tabela 2. PERCEPÇÕES DOS/AS ESTUDANTES SOBRE A MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

| | |
|-----------|--|
| A- | PERCEPÇÕES DOS/AS ESTUDANTES EM RELAÇÃO A SI MESMOS |
| 1. | A construção da masculinidade pelos estudantes homens |
| 2. | A construção da feminilidade pelas estudantes mulheres |
| B- | PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO SEXO OPOSTO |
| 1. | A construção da feminilidade pelos estudantes homens |
| 2. | A construção da masculinidade pelas estudantes mulheres |

A - PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO A SI MESMOS

Nesta discussão, ganha especial relevância a representação que os estudantes têm do ser feminino e do ser masculino. A pesquisa procurou investigar e analisar se há distinções de género, para além de analisar se há influência dos modelos de género nas expressões verbais e corporais dos estudantes a fim de captar como se estabelecem as relações de género no ambiente académico. Assim, o estudo utiliza como referência de análise, as categorias acima avançadas.

9.2.1.1.- *A construção da masculinidade pelos estudantes homens*

Neste espaço passamos a apresentar as percepções que os estudantes têm em relação a si mesmo. Em nosso entender é necessário perceber como são formadas e legitimadas as diferenças de género, fazendo com que os estudantes se identifiquem ou se diferenciem de acordo com as características socialmente determinadas, ressaltando o papel e o compromisso da instituição académica para a desmistificação das diferenças e preconceitos em relação ao sexo. Vejamos como responderam os entrevistados:

“Ser homem é entendido em dois aspectos, que não interessa agora dizer quais. Mas na maioria dos casos quando se define ser homem olha-se em ser responsável em todas as esferas, seja pública ou privada. Mas também não é ser tão superior, ou seja discriminar as mulheres” (Mandito⁴, 24 anos entrevistado 6).

“Ser homem implica antes de mais nada ser do sexo masculino, além de ser o provedor da família. Portanto, ser homem é fazer trabalhos pesados, aqueles que a mulher não consegue, dado que ela na minha opinião só leva jeito para trabalhos domésticos” (Felismino⁵, 24 anos de idade, entrevistado 1).

⁴Nome fictício

⁵Idem

Constatou-se em campo que o modelo de homem aqui apresentado é construído com base na pertença a um grupo, a uma categoria social. Assim, os modelos de homem construídos pelos estudantes estão de acordo com as expectativas sociais que influenciam a construção da imagem do que é ser homem, compreendem o facto de se pertencer a uma identidade sexual e reflectem as definições dualistas de género. O discurso dos entrevistados mostra que para além de existirem diferenças biológicas, existem diferenças culturalmente construídas entre os géneros. Porém, foi possível perceber que é a partir da socialização, das regras estabelecidas e internalizadas desde a infância, que os entrevistados passaram a comportar-se de acordo com a sua identidade sexual socialmente construída.

9.2.1.2- A construção da feminilidade pelas estudantes mulheres

Agora vejamos como as mulheres responderam quando questionada sobre o que elas entendem “ser mulher”.

“Ser mulher não deve ser apenas definido biologicamente, mas é antes de tudo cumprir os papéis sociais de acordo com as expectativas que justificam a parte biológica (nesse caso cuidar da casa, família, ate pode trabalhar mais não trabalhos pesados), sem colocar em causa os seus interesses” (Mena⁶, 22 anos de idade, entrevistada 4).

“Ser mulher tem a ver com aspectos culturais. No meu contexto é ser dona de casa, cuidar de crianças e ser homem é o oposto, isto é, ser o provedor da família” (Judith⁷, 22 anos de idade, entrevistada 1).

“Ser mulher é ser mãe protectora, batalhadora, provedora de família, parceira e muito mais” (Elsa⁸, entrevistada 2).

Com base nesses depoimentos, temos a salientar que a qualidade de “ser mulher” efectivamente requerida pelas entrevistadas associa-se às tarefas que elas acham que devem ou não realizar. Assim,

⁶Nome ficticio

⁷Idem

⁸Idem

o modelo de mulher construído pelas mulheres assenta na dicotomia dos papéis sexualmente definidos, associados a valores e normas e as diferentes funções atribuídas e desempenhadas pela mulher. Tal tendência foi observada neste estudo, pois os entrevistados respondiam a essa pergunta considerando o papel do homem como sendo maior do que o da mulher. Considerou-se que ao homem cabia o trabalho remunerado fora do ambiente doméstico e a provisão da família, associando-o assim à esfera pública, e à mulher cabiam os cuidados com a casa, com o marido e com os filhos, actividades voltadas para o espaço privado. Essa desigual divisão de funções e atribuições acaba por legitimar a dominação masculina (BOURDIEU, 1998).

B- PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO SEXO OPOSTO

Neste item procurávamos captar as percepções dos estudantes em relação ao sexo oposto. Tornou-se assim, de suma importância pesquisar as percepções e representações de género dentro do universo académico. Vejamos os resultados:

9.2.2. A construção da masculinidade pelas estudantes mulheres

Com a finalidade de analisar a representação do “ser homem” e em especial papel da mulher, optou-se por analisar as respostas das entrevistadas às seguintes afirmativas da pesquisa:

Ser homem deve significar ganhar dinheiro para alimentar a família e mulher cuidar da casa; Se a mulher trabalha tempo integral as crianças sofrem mais (...); A vida familiar fica prejudicada; Então para mim ser dona de casa é tão gratificante quanto trabalhar fora contra todos os riscos. Pese embora sejam produzidos discursos com vista a igualdade de género isso dificilmente vai acontecer (...) pois pela natureza já somos diferentes (Marta⁹ 25 anos de idade entrevistada 5).

“Existe um entendimento que o homem é aquele que trabalha e a mulher cuida da família. Mas para mim, tanto o homem como a mulher estão sujeitas a cuidar da família. Por exemplo ultimamente as mulheres vêm se enquadrando nos trabalhos que antes eram exclusivamente dos homens, mesmo no mercado de trabalho” (Filomena¹⁰, entrevistado 6).

⁹Nome fictício

¹⁰Idem

“Na minha opinião acredito que não faz sentido se dividirmos homem é o que é por que a sociedade com os seus esteriótipos assim o fez. Sendo assim pensa-se que o homem é afigura que trabalha na esfera pública e a mulher na esfera privada. Mas na minha modesta opinião do mesmo jeito que o homem pode pegar uma rebarbadeira a mulher também pode até porque tem capacidade de manusear um tractor, podemos estudar e ter notas melhores que os homens. Então se todos podemos o que nos resta é um ajudar os outros em se preocupar se este é mulher ou é homem” (Elsa, entrevistada 2).

Alice¹¹, por outro lado, defende o igualitarismo apenas nas tarefas domésticas, ressaltando que a esposa não deve arcar com todas as obrigações com relação às tarefas domésticas:

“Essa coisa de igualdade de género é problemático, sobretudo com os machistas mesmo que estudem muito. A sorte é que eu não tenho um marido assim. Em minha casa enquanto eu varro a casa, ele passa pano no soalho da casa, enquanto eu cozinho, ele lava louça. Na minha tudo é dividido para mim, enquanto eu lavo, ele passa”.

Segundo ela, cabe ao marido *“sustentar a casa, (...) Não deixar faltar nada dentro de casa”* e, por isso, seu salário não era contabilizado para os gastos com despesas familiares *“(...) porque meu dinheiro era só para mim”*.

Por sua vez Fabiana¹², afirma que mesmo que ela contribua com a renda familiar, ela credita ao marido a função de provedor principal da família:

“Sendo que o dinheiro dele (refere-se ao salário do marido) não daria para cobrir as despesas da casa eu ajudo. Mas as vezes ele não tem que querer, porque para mim estará certo assim dividirmos as despesas. Eis que na minha opinião o que nos difere é apenas o sexo por que forças de vontade todos têm obrigações, sendo uma delas respeitar a parceira e o parceiro (...) mas os homens são orgulhos, facto que dificulta a efectivação dos planos de igualdade de género...”

¹¹Nome fictício da entrevistada número 10.

¹²Nome fictício da entrevistada número 6.

As afirmativas dizem respeito à questão do modelo de homem construído pelas mulheres. Assim, as nossas constatações indicam que esse modelo é construído em função de um homem trabalhando integralmente, enquanto a companheira pode negociar mais facilmente sua “felicidade profissional” em benefício da vida familiar. Assume-se o papel da mulher associando-lhe a vida privada e do homem na vida pública.

Mesmo valorizando a actividade profissional de forma geral tanto para as mulheres, quanto para os homens, a maioria das entrevistadas afirmam que os homens têm mais obrigações para com a família do que as mulheres, fazendo com que a cobrança em relação ao trabalho de provedor de família seja mais cobrado ao ser masculino do que o ser feminino. Em síntese a análise demonstra que as qualificações dos comportamentos masculinos e femininos das entrevistadas ainda continuam enraizadas com os comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo as normas e padrões estabelecidos socialmente.

9.2.2.1. A construção da feminilidade pelos estudantes homens

Ao focar as questões de género nos ambientes educativos (entenda-se Universidade) é necessário, como afirma Louro, que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos. Esta tarefa implica uma compreensão minuciosa da concepção, da organização e no fazer do quotidiano de homens e mulheres no ambiente académico. “Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas”. (Louro, 1997, p. 59). Sobre este aspecto os entrevistados afirmaram o seguinte:

“Ser mulher para mim é ser companheira, amiga, mãe, namorada, por ai fora, e irmão. Eu “acho que um homem tem que ser tudo na vida de uma mulher, da mesma forma que a mulher tem que ser para ele” (Entrevistado 4).

“Com a globalização e o acesso de conhecimento que nos temos, ser homem/mulher é definido pelo critério sexo e não pelas capacidades. Portanto, penso que todos nos podemos desempenhar as mesmas tarefas pois estamos capacitados para isso. Mas uma coisa é dizer isso e a realidade

mostrar outra coisa. Para este caso a sociedade é que discrimina pois ela divide tarefas para mulheres e para homens” (Entrevistada2).

Com base nos resultados obtidos, apresentaremos algumas situações observadas na escola e estabeleceremos relações com o conceito de igualdade de género. A análise das observações permitiu entrever que os estudantes compartilham de um olhar estereotipado sobre os papéis socialmente aceites e recomendados para mulheres e homens. Essa visão é reforçada em atitudes e acções que acabam, várias vezes, reforçando os estereótipos sexistas. No entanto, as relações são construídas na Universidade enquanto carregadas de simbolizações (normas, conteúdos, valores, significados) que os estudantes aprendem para lhes permitem interagir e conduzir-se de acordo com o género no espaço em que se encontram (na Universidade).

Por outro lado, os episódios representativos da igualdade e diferença que analisamos e identificamos, mostram que, na construção do género, eles instauram, explicitam e expressam relações sociais e versões diferentes na identificação do feminino e do masculino. Desse modo, examinar apenas a aprendizagem de papéis masculinos e femininos na Universidade implica em desconsiderar que a masculinidade e feminilidade podem exercer variadas formas e que complexas redes de poder estão envolvidas nos discursos e nas práticas representativas das instituições e dos espaços sociais, sendo produzidas a partir das relações de género. Além disso, a maneira como a família, a escola, agem em relação às meninas e aos meninos são fundamentais no processo de constituição da identidade de género.

9.3. A UNIVERSIDADE E OS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÉNERO

Neste tópico procuramos apreender a prevalência das desigualdades nas relações de género nos estudantes e o impacto que poderia exercer nas diferenças assinaladas em relação à participação pública. Esta questão nos leva a refletir a respeito do antagonismo masculino/ feminino nas práticas educativas e relacionais dentro da Universidade. Conforme assinala Louro (1997), a escola é um dos lugares onde se delimita espaços, serve-se de símbolos e códigos, afirma o que cada um pode, ou não fazer.

Assim, a discussão em torno do género na academia perpassa pela observação que fazemos das relações sociais entre estudantes, no trabalho, no qual convivemos com opiniões que mostram que as relações de género na Universidade caracterizam-se por relações de dominação e de poder. Ora vejamos os depoimentos de alguns dos nossos entrevistados:

“Ah, sexualmente é claro que somos diferentes. Mas mesmo existindo essa diferenças entre homem e mulher que a sociedade impõe aqui na Universidade a coisa é outra pois não há como se discriminar. Aqui somos todos colegas não interessa se sabe ou não vamos nos ajudando pois todos viemos para aprender. Agora lá em casa a coisa é outra (...) lá tu não és estudante tens que desempenhar outros papéis como esposa, mãe, tia por aí fora.... É assi mesmo pois existem coisas que os homens não fazem. Atenção não disse que não podiam mais é mesmo por desleixo da parte deles” (entrevistada 6)

“Ser mulher aqui na Universidade é ser aquela que procura conversar, procura sempre dialogar, chegar à conclusão dos problemas, sem se sentir diferente dos homens. Eu sempre procuro me expressar assim com ele vamos botar em panos limpos, você tem que me aceitar do jeito que eu sou (mulher), eu sou uma pessoa também” (entrevistada 9).

“Na Universidade entende-se então que o género é ainda uma das primeiras formas de distribuir e significar o poder, sendo que o que é classificado como masculino tende a ser mais forte, superior e poderoso; ao passo que o que é considerado feminino é visto como mais fraco, com menos poder e por isso deve ficar sob a esfera de protecção e de submissão ao masculino” (entrevistado 10).

Com base nestas palavras a análise constatou que homens e mulheres sofrem igualmente com a maneira como o masculino e o feminino são ensinados na Universidade e na família, que poderia se tornar um ambiente de encontro entre eles e transformá-los em pluralidade. Então, são relações construídas a partir de inúmeros factores, entre eles, a educação no que tange a separação de meninos e meninas em mundos distintos. Diante destas constatações, compreendemos que as representações feministas ainda têm um estatuto marginal na academia, o que é evidenciado pela dificuldade de sua institucionalização na Universidade facto que foi possível perceber nos depoimentos dos entrevistados.

Dessa forma pontua Vianna (1997), que os professores devem reflectir sobre suas práticas no que diz respeito ao tratamento de homens e mulheres na academia, pelo facto de nossa vida ser marcada de processos históricos, culturais de produção dos diferentes significados masculinos e femininos que fundamentam nossas relações sociais reflectindo-se nas relações estabelecidas dentro da academia da sala de aula. Uma compreensão mais ampla de género exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado e dinâmico.

Por outro lado, isso nos leva a pensar que género é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais, sendo que apesar de haver mudanças, elas ainda não são suficientes para concluir que homens e mulheres se relacionam numa construção de poder tão hierarquizada e tão nefasta como aquela que se materializa em situações de dominação masculina. No entanto, pude perceber que o género, transversalizando as discussões no meio académico, tem ganhado alguma visibilidade. Porém, ainda há muito para ser conquistado. Em alguns grupos de estudantes contactados durante a pesquisa foi possível hoje vislumbrar um conhecimento “sociológico” das relações de género que ao menos procura identificar e explicar as continuidades e descontinuidades em relação aos direitos das mulheres e dos homens, com o intuito de tentar eliminar desigualdades de género persistentes nas diversas realidades sociais.

9. 4. ATITUDES E PRÁTICAS DOS ESTUDANTES FACE A EQUIDADE DE GÉNERO

Para fazermos uma avaliação e procurarmos compreender o impacto produzido pelo contacto que os estudantes tiveram com as perspectivas teóricas (o *patriarcado* e o *feminismo*) procuramos analisar quais as atitudes dos estudantes face a equidade de género na academia. Para tal, colocamos aos entrevistados duas questões básicas, nomeadamente quanto: i) As suas percepções sobre os papéis sociais de homens e mulheres, anteriores ao contacto com as teorias feministas; e, ii) As mudanças ocorridas nas suas percepções sobre o género após o contacto com as teorias feministas. Ora vejamos quais foram as respostas dos entrevistados:

“Se quisermos olhar as relações de género é importante sairmos aqui da Universidade e observarmos a nossa volta. Hoje temos mulheres a ocuparem cargos públicos do que antes. Temos mulheres em grande número a estudarem do que antes que só se olhava que ela devia cuidar do marido, da casa e dos filhos. Portanto, apesar de ainda prevalecerem as dificuldades de afirmação

da mulher, elas hoje têm mais acesso a participar nas diferentes esferas de tomada de decisão.” (entrevistada 3).

“Epa para mim até que mudou sobre tudo como encaro as mulheres, mais isso deve-se ao facto de eu saber que não faz sentido de haver desigualdades sociais. Mais com os outros a situação ainda continua. Portanto, a situação das mulheres em Moçambique esta aquém do desejado, ela continua sendo vista como fraca e o homem como dominador, fora disso, não existe porque o homem será chamado de ‘matreco’ e se for uma mulher eu não quero casar com esse tipo de mulher” (entrevistado 10).

No campo foi possível constatar que os estudantes não possuem ideias formadas acerca destas relações o que dificulta uma reflexão por parte das mesmas sobre o assunto e sobre sua própria prática. Na maior parte do estudo eles buscam trabalhar com a igualdade e equidade mostrando que homens e mulheres têm igual valor, visto que todos são seres humanos. Tal facto, também, nos levou a entender que os entrevistados descrevem a situação de género de forma moderada. Portanto, para caracterizar a situação muitos dos entrevistados afirmaram que: *“há um trabalho que esta sendo feito, no sentido de melhorar-se tal situação” (entrevistada 3).*

Diante das constatações acima avançadas conclui-se neste estudo que há um descompasso entre a forma como a masculinidades e as feminilidades são construídas entre os estudantes, sendo que muitas das vezes associaram-na a práticas quotidianas: com gestos falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços, comportamentos e avaliações. Portanto, eles reproduzem/produzem diferenças de género, bem como tentam controlar a questão da sexualidade.

Em síntese, poderíamos dizer que a atitude dos estudantes não é de neutralidade face a este problema mas sim, eles agem em função da influência do “patriarcado” ou do “feminismo”. Assim, de maneira geral percebemos que os estudantes entendem por relações de género as prerrogativas estabelecidas a homens e mulheres que se manifestam nas relações sociais sendo estas relações permeadas de preconceitos. Portanto, os modelos de homem e de mulher que os estudantes têm a sua volta, na família e na escola, apresentados por pessoas adultas, influenciarão a constituição de suas práticas, referências de género na academia.

9.5. APRECIÇÃO GERAL DO PROBLEMA

Um dos pressupostos centrais desta investigação foi investigar e compreender o modo como são percebidas e praticadas questões relativas as relações de género na academia, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino. Portanto, tínhamos como finalidade potencializar o debate sobre educação e relações de género na academia. De referir que tratou-se de uma assertiva elaborada a partir do diálogo, por mim estabelecido, entre publicações sobre as temáticas “Educação e Relações de Género”, “Educação e Democracia”, e, ainda, “Educação e Direitos Humanos”.

Assim, no decorrer do estudo observou-se que entre os estudantes o uso do termo género é tido como um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, foi possível notar que os estudantes aprendem e passam essa ideia de pertencer a um género e criticam os que fogem deste padrão. Por outro lado, constatamos em campo que existem diferenças biológicas e culturalmente construída entre géneros – torna-se o modelo patriarcal de relacionamento. E, se por um lado, a Universidade era a cena imediata na qual essas relações se manifestavam e ganhavam significado, por outro, também foi destacada a relação entre a Universidade e o contexto social maior em que esta se insere – valorização da igualdade de género (fruto das lutas dos movimentos feministas).

Contudo essas assertivas, reveladoras do lado “passivo” e do lado “reactivo” das relações de género na academia, foram a base sobre a qual se assentaram os pressupostos centrais desta investigação, os objectivos e a metodologia do trabalho e, enfim, as conclusões do estudo. Sendo assim, conclui-se que pode revelar-se “conflituosa” a coexistência entre os sexos se não houver uma reflexão pedagógica a esse respeito. Essa coexistência não será sinónimo de término de desigualdades se não for considerado o contexto social de separação em vigor, e ainda largamente dominante, no tocante aos géneros masculino e feminino.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O nosso estudo tinha como objectivo compreender, numa perspectiva sociológica, as percepções e práticas dos estudantes de Sociologia, com vista a identificar as possíveis representações sociais da sua identidade produzida no decorrer das relações de género entre estudantes na academia. Assim, a nossa inquietação recaiu na percepção de como o *patriarcado* e o *feminismo* influenciam na construção social do desempenho dos papéis sociais do género na Universidade.

Assim, o caminho percorrido pela investigação enveredou pela metodologia qualitativa. Contudo, os resultados obtidos mostraram que as relações entre os estudantes no espaço académico apresentam facetas obscurecidas quanto às relações de género, e através dos episódios observados na Universidade e a fala dos estudantes, pudemos verificar uma possível tensão entre igualdade e diferença, que foi mostrando-se na socialização de homens e mulheres. Esta perspectiva expressa que os estereótipos de género atravessam a construção do que é ser homem e mulher, na qual não se explica como um facto exclusivamente académico, mas converte-se em um facto social.

Perante essa realidade, as nossas hipóteses foram confirmadas na medida em que durante a realização do trabalho de campo constatamos as evidências segundo as quais o comportamento dos estudantes é orientado em função aos valores do *patriarcado* e do *feminismo*. Assim, a comprovação dessa ideia pode tanto ser parte da análise das desigualdades de género nas práticas escolares. É nosso entendimento que os docentes devem procurar reflectir sobre suas práticas no que diz respeito ao tratamento de estudantes (homens e mulheres), pelo facto de nossa vida ser marcada de processos históricos, culturais de produção dos diferentes significados masculinos e femininos que fundamentam as relações sociais reflectindo-se sobre como são mantidas as relações sociais nos diversos contextos sociais.

É preciso assumir que há uma forte vinculação entre o mundo social, que inclui os corpos, as acções dos indivíduos, etc., e as possibilidades de conhecimento desse mundo. Perceber uma realidade delineada por opressões de género, ainda que nos contextos mais *sutis* e em lugares inofensivos, como na cultura, nas brincadeiras e no modo de se comportar. Entendo que a extensão universitária pode proporcionar o exercício dessa habilidade, por nos permitir uma abertura para o diferente, para o novo, para o que ainda não foi pensado.

Portanto, é possível adoptar uma nova educação que incorpore essa extensão em disciplinas, e pode utilizar categorias como a de género para transformar o ambiente universitário, as pesquisas aqui produzidas sobre essa categoria e, a própria realidade. Não só a extensão universitária, mas também a própria sala de aula pode ser reinventada e transformada de forma a tornar este também um espaço de emancipação, e sem nos esquecermos de nossas singularidades, sentimentos, histórias, ou vontades, podemos nos abrir ao debate, para construir um discurso explícito, crítico, claro; mas sempre aberto a possibilidades.

Contudo, esperamos ter contribuído no debate relativo as questões do género. Por pouco que seja essa contribuição, acreditamos que os pesquisadores dessa área algo nesse estudo podem aproveitar. Sendo assim, recomendamos a eles que ao se debruçarem sobre o assunto, devem procurar aprofundar o seu conhecimento, com vista a identificar os reais factores, de forma a buscar melhores soluções na luta pela equidade de género. Para terminar, diríamos que contribuição maior foi ter captado e compreendido que apesar da influência do feminismo, o alcance aos melhores resultados para a garantia da efectivação da igualdade de género ainda continua uma luta.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, N. PERSPECTIVAS FEMINISTAS E CONCEITO DE PATRIARCADO NA SOCIOLOGIA CLÁSSICA E NO PENSAMENTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO, In: AGUIAR, Neur. (Org.), GÊNERO E CIÊNCIAS HUMANAS: *Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres* (pp.161-191). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

ALBERTI, Verena. HISTÓRIA ORAL: *A experiência do CPDOC*, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2ª edição, Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004, p. 202.

AMÂNCIO, Lígia, O GÊNERO NO DISCURSO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: *Análise social*, vol. XXXVIII (168), 2003, p.687-714.

ARAÚJO, M. F. (2005) DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO: *revisando o debate na Psicologia Clínica*, 172 (2), 41-52.

AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). DIFERENÇAS E PRECONCEITOS NA ESCOLA: *Alternativas teóricas e práticas*. 1ª ed. Editora Summus, . São Paulo, 1998, v. 1, p. 93-106.

BARBOSA, M. *À procura da história das mulheres*. Cadernos da Condição Feminina, Lisboa, n.29, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. In: Kühner, M. H, (tradução), 3ª ed. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 2003, 160p.

CARVALHO, M. E. *O que essa história tem a ver com as relações do gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação do docente*. In: CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (Org). GÊNERO E EDUCAÇÃO: *Múltiplas faces*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.p. 55-76.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. SEXUALIDADE(S) E INFÂNCIA(S): *a sexualidade como tema transversal*. Editora Moderna, Campina, São Paulo, 1999.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de, EDUCANDO AS NOVAS GERAÇÕES: *Representações de Género nos livros didáticos de Matemática*, GT: Género, Sexualidade e Educação/n.23 (s/d)

CRESPI, Franco. *Manual de Sociologia da Cultura*, Editorial Estampa, Lisboa, 1997.

FRAISSE, G. *Entre igualdade e liberdade*. Estudos Feministas, 3, 1995, p.p. 164-171.

GARCÍA, Consuelo, Flecha. LAS RELACIONES DE GÉNERO Y LA EDUCACIÓN: *de la tradición a la sociedad avanzada*. In. GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. CONSTRUINDO NOVAS RELAÇÕES DE GÉNERO: *A presença feminina nos territórios do saber*, Universidade de Caxias do Sul, Florianópolis, Agosto, 2008.

GdM (2005). *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta, 2006-2009 (PARPA II)*. Maputo: Governo de Moçambique, Ministério do Planeamento e Cooperação.

GERTZ, Clifford. O MUNDO EM PEDAÇOS: *Cultura e política no fim do século*. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

GIL, António Carlos. COMO ELABORAR PROJECTOS DE PESQUISA, 4ª ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002, p.176

GOMES, Romeu. *Sexualidade masculina, género e saúde*. Editora Fio Cruz, Rio de Janeiro, 2008a. _____ *et. al. Violência de Género na vida Adulta*, In: ASSIS, Simone Gonçalves de, *et. al.*(Org). IMPACTOS DA VIOLÊNCIA: *Moçambique e Brasil*, Editora FioCruz,/Ensp/Claves, Rio de Janeiro,2011.

HEILBORN, M. L. O TRAÇADO DA VIDA: *Género e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro*. In: F. R. Madeira (Org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças*

e adolescentes pobres no Brasil, Editora Rosados Tempos, Rio de Janeiro. 1997. pp. 291-342.

LAKATOS, Imre, *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais e outros Ensaio*s, Edições 70. Lisboa, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. *GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONI, M. D. A. LAKATOS, E. M. *TÉCNICAS DE PESQUISA: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3ªed. Editora Atlas, São Paulo, 1996.

MINAYO, Mária Cecília de Souza, CAPURCHANDE, RehanaDauto, *A VIOLÊNCIA FAZ MAL A SAÚDE E À QUALIDADE DE VIDA: Conceitos, teorias e tipologias de violência*, s/d, p.70, In: ASSIS, Simone Gonçalves de, *et. al.*(Org). *IMPACTOS DA VIOLÊNCIA: Moçambique e Brasil*, Fiocruz/Ensp/Claves, Rio de Janeiro, 2011.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, S. L. *TRATADO DE METODOLOGIA CIENTÍFICA: Projectos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*, Editora Pioneira, São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Maria da Luz, PAIS, Maria João, CABRITO, Belmiro Gil, *SOCIOLOGIA*, 4ª edição, Texto Editora, Lisboa, 1989.

OSÓRIO, Conceição, *A SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR: educação familiar e escolar e violência de género nas escolas*, Publicado em "Outras Vozes", nº 19, Maio de 2007

PATEMAN, C. *O CONTRATO SEXUAL*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993. (PDF)

QUIVY, Raimund. & CAMPAHOUDT, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Editora Gradiva, Lisboa, 1998.

- RIBEIRO, Marlen Isabel Monteiro. *ENTRE CONCEITOS E REALIDADE: Uma Abordagem ao Contexto Moçambicano*. 2003. Tese (Licenciatura em Antropologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- RICHARDSON, Roberto J. *PESQUISA SOCIAL: Métodos e Técnicas*, Editora Atlas, São Paulo, 1999, p. 334.
- SCHIENBINGER, L. *O FEMINISMO MUDOU A CIÊNCIA?* Bauru – SP, EDUSC, São Paulo, 2001.
- SERRA, Andrea, *Manual de Metodologias de Pesquisa*, Instituto Superior Politécnico e Universitário/ISPU, 2004, Maputo.
- SCOTT, JoanWallach. *GÉNERO: Uma categoria útil de análise histórica*, Educação e Realidade, vol.20, n.2,jul/dez. Porto Alegre, 1995. P. 71-99.
- SUÁREZ, Mireya. *GÉNERO: Uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico*. In: ENCONTRO DE INTERCAMBIO DE EXPERIÊNCIAS DO FUNDO DE GÉNERO NO BRASIL. Projecto Fundo para a Equidade de Género, 1999.
- VIANNA, Claudia. *SEXO E GÉNERO: masculino e feminino na qualidade da educação escolar*. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p. 119 – 129.
- TRIVINOS, Augusto. *INTRODUÇÃO À PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS: A Pesquisa Qualitativa em Educação*, Editora Atlas, São Paulo, 1987.

Fontes electrónicas (PDF)

- FIGUEIREDO V. *A ciência da sociedade*. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/cursosoc>>. Acessadoem: 30 de Março. 2012.

Anexos

Anexo I

Guião de entrevista

Apresentação

Esta pesquisa tem por objectivo *Compreenderas percepções e as práticas adoptadas pelos estudantes de Sociologia no que concerne a igualdade de género na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane*. Assim, considerando que tem partilhado este espaço, no qual têm se verificado situações de relações de género seja em fora ou dentro da sala de aula e levando em conta a realidade local, queira por favor responder as seguintes questões que abaixo se seguem.

I. Dados do Entrevistador

Entrevista nº _____

Data ____ / ____ / 2012

Hora ____ / _____

Secção II. Dados do Entrevistado

1. Nome (**opcional**)
2. Naturalidade.....
3. Idade do entrevistado/a
4. Sexo do/a entrevistado/a: Masc.....Fem.....
5. Nível académico ou de frequência..... 5.1. Curso que frequenta na UEM.....

Nota: Entrevista semi-estruturada para ambos os estudantes (mulheres e homens)

Secção III. Percepções sobre a construção das identidades masculinas e femininas

1. Investigar o que o entrevistado entende por “ser um homem”.
2. Investigar o que a entrevistada entende por “ser uma mulher”.
3. Investigar como os estudantes constroem a identidade do sexo oposto.

Secção IV. Percepção Individual sobre a equidade de Género

1. Já ouviu falar da emancipação da mulher? Qual e a sua percepção sobre o assunto?

2. Depois de ter tido conhecimentos sobre a necessidade da igualdade do género difundido pelos feministas acha que houve mudanças na sua relação com os demais sexos? Quais?

**Secção V. Percepções e Práticas com vista a compreensãoda igualdade de Género na
Universidade**

1. Caracterizar o relacionamento do entrevistado com as colegas.

2. Caracterizar o relacionamento da entrevistada com os colegas.

3. Com base na resposta dada em 1 da secção IV, qual é a sua opinião sobre a situação das relações de género aqui na Universidade?

• Boa____ Má____ Difícil____ Péssima____ Outro (Identifique) _____

3.1. Porque acha isso?

4. Tem tido dificuldades em se relacionar com estudantes de outros sexos?

• Sim____ Em que consiste tais dificuldades? Não____

• Se a resposta e 4 for Sim o que tem feito para supera-las?

5. Tem algum comentário ou acréscimo que queira fazer? Se sim deixe ficar um comentário livre sobre a questão das relações de género nesta instituição e deixe as suas sugestões_____

Muito obrigado!

Anexo II

Lista de Entrevistados (Sexo Masculino)

| INQ | Nome ¹³ | Idade | Género | Nível de Freq. |
|-----|--------------------|-------|--------|----------------|
| 1 | XY | 22 | Masc. | 4º |
| 2 | XY | --- | Masc. | 3º |
| 3 | XY | 24 | Masc. | 3º |
| 4 | XY | 21 | Masc. | 4º |
| 5 | XY | 29 | Masc. | 4º |
| 6 | XY | --- | Masc. | 3º |
| 7 | XY | 23 | Masc. | 4º |
| 8 | XY | 21 | Masc. | 4º |
| 9 | XY | 39 | Masc. | 3º |
| 10 | XY | 25 | Masc. | 4º |

Lista de Entrevistadas (Sexo Feminino)

| INQ | Nome ¹⁴ | Idade | Género | Nível de Freq. |
|-----|--------------------|-------|--------|----------------|
| 1 | XX | 23 | Femin. | 4º |
| 2 | XX | --- | Femin. | 4º |
| 3 | XX | 42 | Femin. | 4º |
| 4 | XX | 22 | Femin. | 4º |
| 5 | XX | 21 | Femin. | 4º |
| 6 | XX | 23 | Femin. | 4º |
| 7 | XX | 24 | Femin. | 4º |
| 8 | XX | 25 | Femin. | 4º |
| 9 | XX | 23 | Femin. | 4º |
| 10 | XX | 24 | Femin. | 3º |

¹³ Temos a referir que os nomes apresentados a quando da apresentação e discussão dos resultados, são fictícios e foram usados simplesmente para efeitos analíticos neste trabalho. O suporte de tal argumento pode ser demonstrado na medida em que, muitas vezes recorremos, apenas aos discursos dos/as entrevistados/as e não aos nomes para o devido efeito.

¹⁴ *Idem*

Anexo II

Modelo do Termo de Consentimento Informado para participação na pesquisa

Título da Pesquisa

RELAÇÕES DE GÉNERO NA ACADEMIA: Discutindo os esteriotipos nas relações de género entre estudantes de Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Pesquisador: Elias Mário Castro

Auxiliares de Pesquisa: Quirson Ernesto Zefenias, Jorge Paiva, Eduardo Manguze e André Chiziane

Supervisor: Dr. Sérgio Baleira

Instituição: Universidade Eduardo Mondlane – Maputo

Objectivo da Pesquisa: Investigar como os estudantes percebem e praticam as questões relativas a igualdade de género e a partir de situações e percepções sobre os relacionamentos que caracterizam o “ser homem” e “ser mulher” dentro da Universidade.

Descrição do Procedimento: Será realizada entrevista individual sobre aspectos que caracterizam o “ser homem” e o “ser mulher” dentro da Universidade. Serão obedecidos os critérios éticos estabelecidos pela legislação que regulamenta a pesquisa com seres humanos. As entrevistas seguirão técnica cientificamente reconhecida e serão realizadas em ambientes acordados com os participantes. As entrevistas serão registradas com um gravador e transcritas, e as informações colectadas poderão ser utilizadas para fins exclusivamente científicos como os apresentação dos resultados e publicações científicas, assegurando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante poderá interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes pelo pesquisador.

Benefícios: O conhecimento de aspectos que possam ser/estar relacionados com as desigualdades dentro de relacionamentos entre estudantes o que pode contribuir positivamente no aprimoramento de programas de intervenção e, ainda, abrir novas possibilidades para discussões e estudos sobre essa temática.

Estando de acordo, assine o presente termo de consentimento em 2 (duas) vias.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Maputo aos, ____ de _____ de 2012